

Marcos Nunes da Silva



NATIVA



Marcos Nunes da Silva, 65 anos, professor, formado em Matemática e Pedagogia, Escritor, Romântico, adoro a História do Brasil e História Geral, casado com Desinha Leite, pai de 7 filhos, 6 netos. Tenho Deus todo poderoso como Nosso Criador. Como pai estou disponível aprendendo, na vida sempre pronto para novos desafios e adoro fazer amizades e guardo até hoje amigos de infância, onde criamos um grupo no WhatsApp.



Marcos Nunes da Silva

Como movimentos sociais, militei em rádios Comunitárias e lutas por moradias justas para os nenos necessitados. Acredito na leitura como forma de transformação humana e a Educação, um instrumento de modificação do Ser Humano. Carnavalesco, um grande Folião, desfilo todos os anos na avenida, nos Maracatus, Blocos e Afoxés na Avenida. Sempre estou aberto a novas experiências, seja na vida, no trabalho ou na educação, agora em 2025 estou concluindo minha pós Graduação em Pedagogia.

Apoio Cultural:



NATIVA

NATIVA

Marcos Nunes da Silva

(Autor)



Editora Via Dourada
Fortaleza - Ceará
2025

Diagramação: Estanislau Ferreira Bié

Capa: Estanislau Ferreira Bié



Todos os livros publicados pela Editora Via Dourada estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catalogação elaborada por F. Jose R. Abreu CRB 3/1725

Silva, Marcos Nunes da.

Nativa [recurso físico] / Marcos Nunes da Silva (Autor) -- Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2025.

143p.

ISBN - 978-65-89622-98-7

Disponível em: <http://www.editoraviadourada.org>

1. Romance; 2. Ficção; 3. Reencarnação; 4. Contos brasileiros; I. Título.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance; ficção e contos brasileiros

B869.3

SUMÁRIO

PREFÁCIO Marcos Nunes da Silva	9
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I QUEM FOI RAINHA ELIZABETH I	15
CAPÍTULO II A RAINHA E OS PIRATAS	27
CAPÍTULO III MAIS DETALHES SOBRE OS PIRATAS	47
CAPÍTULO IV TEMPOS ATUAIS	55
CAPÍTULO V VIRADA DE CHAVE	67
CAPÍTULO VI NAQUELA MANHÃ	72
CAPÍTULO VII REENCARNAÇÃO	81
CAPÍTULO VIII	85

PROCESSO REENCARNATÓRIO

CAPÍTULO IX ENTRADA NA ILHA	101
CAPÍTULO X A NATIVA	105
CAPÍTULO XI TEMPERAMENTOS DOS COMANDANTES	109
CAPÍTULO XII VINGANÇA	119
CAPÍTULO XIII NO TEMPO DOS CORSÁRIOS E PIRATAS	125
CAPÍTULO XIV VOLTANDO AO CAPITULO VI	135
CAPÍTULO XV LEI DO AMOR NA VISÃO ESPIRITA	143

PREFÁCIO

Marcos Nunes da Silva¹

Começa o romance nos tempos atuais, um casal comum, vivendo seus conflitos sociais, desse relacionamento tiveram uma filha, que com o transcorrer do tempo ela acabou se tornando uma pessoa com seus problemas de conflitos existências, e se transformou em uma pessoa frágil e insegura, sem saber os porquês da vida, e sem forças para encarar a vida de frente, e ela não entendia essa fraqueza espiritual, pois ela sempre tinha o que queria, dentro do possível e claro.

O casal, também vivendo uma vida com problemas pessoais, uma vida com dificuldades, até que um dia o casal começa a ter visões, e finalmente descobrem que se tratava de um déjà-vu – (déjà-vu é a sensação de já ter visto ou vivido uma situação que está acontecendo no presente. A expressão francesa significa “já visto”. Não se sabe com exatidão o significado do déjà-vu ou como ele ocorre, porém ao longo dos anos, diversas teorias científicas e místicas, tentaram explicar o evento).

¹ Marcos Nunes da Silva, 65 anos, professor, formado em Matemática e Pedagogia, Escritor, Romântico, adoro a História do Brasil e História Geral, casado com Desinha Leite, pai de 7 filhos, 6 netos. Tenho Deus todo poderoso como Nosso Criador. Como pai está sempre aprendendo, na vida adora desafios, adoro fazer amizades e guardar até hoje seus amigos de infância, onde se criou um grupo no WhatsApp de seus amigos de infância e de colégio.

Essas visões se tornaram fortes e bem nítidas, vendo e vivendo situações reais, de uma época distante, onde se via carruagens, navios, rainha, espadas, canhões, ouro e nativos, e por várias oportunidades vinha o cheiro do mar.

O casal teria sido no passado, dois piratas de navios ingleses, com colaboração da rainha Elizabeth I da Inglaterra, (1533-1603).

Nesse romance as aventuras desses piratas, com apoio da rainha, conseguem não só roubar navios e suas cargas para a rainha, como invadir e saquear cidades costeiras, inclusive na América do sul e do Norte.

E em uma determinada ilha do caribe eles conseguem roubar ouro dos nativos e tem contato com uma nativa mais linda já vista até aquele momento, levam ouro, nativos como escravos para a inglesa e essa nativa.

O Caribe está localizado no leste da América Central, ao norte da América do Sul e abaixo do Golfo do México. A região é banhada pelo Mar do Caribe, também conhecido como Mar das Caraíbas, e é composta por milhares de ilhas.

Um dos piratas fica com a nativa, como se fosse sua escrava, mais a nativa já estava apaixonada por seu amigo, esse sentimento deixa o comandante muito furioso com essa situação, ele tenta estuprá-la, e ela fala que ele poderia ter sua carne, mais seu coração e sua alma jamais, pois pertencia ao outro comandante, com essa fala da nativa ele resolve tê-la de qualquer forma, mas o seu amigo pirata era um empecilho, e resolve fazer uma em-

boscada contra a vida dele, pois acreditava que ele vivo seria um grande problema para ele.

Só assim que o casal descobre que eles três tiveram uma nova oportunidade de vida, vindo como casal, e a filha sendo a nativa, pois o campo espiritual teria achado uma maneira deles se reencarnarem na mesma família, para aprender a se perdoar e amar a mesma mulher (Nativa).

Em tempo atual, aparece todos os três vivos, reencarnados na mesma família, o casal com conflitos muito fortes, brigas constantes e a filha deles com problemas de temperamentos e usando bebidas e drogas, e descobrem que só o amor entre eles seria a saída e tudo.

Agora os três vão poder se amarem intensamente sem problemas.

INTRODUÇÃO

Nesse romance será contada um pouco de história da Inglaterra, e especialmente sobre sua rainha, e seu engajamento com os piratas, pois foi essa rainha que mais colaborou com a pirataria e narraremos uma história de amor que transcendeu a vida, e paralelamente daremos alguns toques como a espiritualidade poderá nos ajudar durante nossa caminhada aqui na terra e como a espiritualidade nós mostra saídas para o relacionamento em família.

O Reino da Inglaterra foi um Estado soberano localizado na Europa Ocidental, na parte sul da ilha da Grã-Bretanha, que surgiu em meados do século X (originado de vários reinos anglo-saxões, do período conhecido como Heptarquia), até 1707, quando se uniu com a Escócia para formar o Reino da Grã-Bretanha.)

Foi no ano de 1066 que a Inglaterra começou seu processo de unificação e formação, graças a derrota do anglo-saxão Haroldo II pelo francês Guilherme, Duque da Normandia, durante a Batalha de Hastings. Guilherme então se tornou rei, sob o título de Guilherme I.

Enquanto união política, o Reino Unido passou a existir no ano de 1707, mediante o Acordo de União 1707, que unificou os parlamentos da Inglaterra e da Escócia e criou o Estado soberano do Reino Unido da GrãBreta-

nha, ainda sem a Irlanda do Norte.

Etimologia. O nome Inglaterra é derivado do inglês antigo “Englaland” (England), que significa “terra dos anglos”. Os anglos foram uma das tribos germânicas que se estabeleceram na Inglaterra durante a Alta Idade Média.

Os primeiros povos a ocuparem a ilha da Grã-Bretanha, onde está localizada a Inglaterra, foram os celtas. O domínio estrangeiro sobre os territórios britânicos continuou com o Império Romano por volta do século I a.C., do qual o país fez parte até pelo menos o início do século V da era atual.

A Grã-Bretanha é uma ilha separada do continente europeu pelo Canal da Mancha e pelo Mar do Norte. Compreende as nações da Inglaterra, Escócia e País de Gales.

O Reino Unido é a abreviação do nome completo do país. E ele, o Reino Unido, é formado pela união política de quatro países diferentes: a Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte.

Nesse romance, vamos ver uma história de amor, aventuras e a vida na visão espírita sobre amor e família, alma gêmea e promessas de uma vida futura.

CAPÍTULO 1

QUEM FOI RAINHA ELIZABETH I



Biografia de Elizabeth I

TAMBÉM CHAMADA DE ISABEL - O vernáculo português é Isabel, e como tal deve usar-se, dado que Elisabete é um anglicismo, como seria um Marguerete em vez de Margarida, ou Carol, Charles, Karl em lugar de

Carlos, etc. É por estas razões que dizemos Londres e não London ... A forma portuguesa do nome Elizabeth é e sempre foi Isabel.

Elizabeth I da Inglaterra foi rainha da Inglaterra e da Irlanda entre os anos de 1558 e 1603. Foi a última monarca da Dinastia Tudor. É considerada uma das principais representantes do Absolutismo inglês, embora tenha sido um pouco mais moderada e tolerante do que seu pai (Henrique VIII).

Era Elisabetana

Seu período de governo na Inglaterra é conhecido como a Era Elisabetana. Esse período é marcado, principalmente, pelo desenvolvimento do drama inglês do poeta e dramaturgo William Shakespeare. Também se destaca, neste período, as proezas e aventuras do navegador inglês Francis Drake.

A Era Elisabetana, no campo político, é associada a estabilidade do reino e fortalecimento do sentimento de identidade nacional.

A rainha Elizabeth I (Queen Elizabeth I, em inglês) nasceu em 7 de setembro de 1533 e faleceu em 24 de março de 1603, foi rainha da Inglaterra de 1558 até 1603, foi a última rainha da dinastia Tudor a ocupar o trono inglês. Seu pai era o rei Henrique VIII e sua mãe, Ana Bolena, a segunda esposa do monarca inglês e a primeira a ser condenada à morte por ele.

A rainha Elizabeth I, também conhecida como Isabel I de Inglaterra, também chamada de “A Rainha Virgem e Gloriosa”.

Um dos seus lemas era “Eu vejo, mas não digo nada”. Isabel Tudor nasceu no Palácio de Placentia, Greenwich, no sudeste de Londres, Inglaterra, em 7 de setembro de 1533, sendo nomeada em homenagem a suas avós: Isabel de Iorque e Isabel Howard, Era filha do rei Henrique VIII e Ana Bolena (segunda esposa do rei).

No seu reinado a Inglaterra tornou-se o principal centro financeiro da Europa.

Seu reinado teve início em 17 de novembro de 1558.

Foi coroada como rainha em 15 de janeiro de 1559. Neste mesmo ano, Elizabeth introduziu o Acordo Religioso Isabelino, que visava estabelecer um meio-termo entre o catolicismo e o protestantismo. O Ato de Supremacia fez de Elizabeth a Governadora Suprema da Igreja da Inglaterra.

Elizabeth foi declarada ilegítima pelo papa em 1570.

Um dos eventos mais famosos durante seu reinado foi a derrota da Armada Espanhola em 1588. Isso não apenas marcou uma vitória militar significativa para a Inglaterra, mas também simbolizou o crescente poder naval da Inglaterra.

Durante seu governo aumentou o poder real e tomou medidas para consolidar a Igreja Anglicana, criada por seu pai.

Deu ordens para perseguir seguidores de religiões nãoanglicanas.

Foi durante seu reinado que começou o processo de colonização inglesa na América do Norte.

Nos últimos anos de sua vida, entrou em depressão após vivenciar a morte de muitas pessoas próximas e queridas. Com a saúde debilitada, faleceu em 24 de março de 1603, no Palácio de Richmond.

Foi sucedida pelo rei da Escócia James I.

Infância

Na sua infância surgiu boatos de que a rainha traía o rei, e por ordem dele, Ana Bolena foi decapitada. Elizabeth teve retirados todos os seus direitos ao trono.

Elizabeth passou a infância e a juventude fora da corte, dedicada inteiramente aos estudos. Educada por humanistas, em Cambridge, teve aulas de línguas, música e dança. Em 1544, o Parlamento decidiu devolver seus direitos e a princesa voltou para a corte.

Elizabeth e Eduardo VI

Em 1547, seu pai faleceu e seu meio-irmão, Eduardo VI, filho de Jane Seymour, a terceira esposa de Henrique VIII, assumiu o trono. Elizabeth estava com 13 anos. O novo rei Eduardo VI tinha apenas 10 anos e por isso o governo ficou sob a regência de Somerset (até 1549), e de Warwick (de 1549 a 1553).

Nesse período, Elizabeth se viu envolvida por intri-

gas palacianas, foi acusada de participar da conspiração de Lord Seymour. Em 1553, o jovem rei morreu prematuramente.

Elizabeth e Maria Tudor

sumiu o trono sua meiairmã Maria Tudor, filha de Henrique VIII e sua primeira mulher Catarina de Aragão.

Com o reinado de Maria I, o catolicismo foi restaurado e as leis contra a Igreja instauradas por Henrique VIII são revogadas pelo Parlamento. Os heréticos são perseguidos e o número de execuções é tão grande que a rainha recebeu o cognome de “A Sanguinária”. Em 1558, Maria I faleceu.

Reinado de Elizabeth I

Com a morte de Maria I subiu ao trono Elizabeth I, que com 25 anos foi coroada Rainha da Inglaterra. Logo restabeleceu a estrutura anglicana para a Igreja. Em 1562, restaurou o Ato de Supremacia, que estabelecia o soberano como chefe da Igreja Anglicana.

Em 1563, o novo corpo eclesiástico definiu os 39 pontos básicos do anglicanismo. A ressurreição do anglicanismo foi aplaudida por muitos nobres que reconquistaram as terras confiscadas pela Igreja de Roma. Oito anos depois, a rainha foi excomungada pela Igreja Católica.

Querida e respeitada, Elizabeth I começou sua obra de engrandecimento da Inglaterra. A rainha centralizou o poder fazendo-se representar em todas as partes do reino por xerifes e juízes de paz. Raramente convocava o Parlamento, tomando para si todas as decisões. Estabeleceu, em plenitude, o absolutismo.

Manteve uma política econômica mercantilista, intervindo na economia privada. Nessa época surgiram as indústrias da construção naval, do ferro, do estanho, do chumbo, do enxofre etc.

Em 1564, autorizou os mercadores aventureiros a transacionarem com os Países-Baixos e a Alemanha. Deu diretos à Companhia da Rússia para estender suas atividades comerciais através de Moscou até a Pérsia. Em 1559, a rainha criou a Bolsa de Londres e concedeu monopólio para a exploração comercial das colônias.

Últimos Anos do Reinado

Em 1600, Elizabeth I fundou a “Companhia das Índias Orientais” para comerciar com todas as terras a leste do Cabo Frio. Os navegantes procuravam a passagem de ligação entre a América e a Ásia. Na América, fundou-se a cidade de Virgínia. Os mares ainda eram dominados pela Espanha, a grande rival econômica da Inglaterra.

Quando a Marinha Inglesa venceu a Espanha os caminhos para o comércio ficam desobstruídos. Elizabeth I viu a Inglaterra ser dona dos mares e da economia da

Europa.

Elizabeth I faleceu em Richmond Palace, Surry, Inglaterra, no dia 24 de março de 1603, sem deixar descendentes diretos, reconheceu o filho de Mary Stuart, Jaime VI da Escócia, como herdeiro do trono inglês.

“O rei inglês Henrique VIII ficou famoso não pelo simples fato de ser um rei, mas pelos seus polêmicos casamentos em busca do tão sonhado herdeiro. Nascido em 28 de junho de 1491, foi o sexto filho de Henrique VII e

Elizabeth de Iorque. O segundo monarca da dinastia Tudor exerceu amplo poder político, dentre as principais medidas de seu governo, destacaram-se a ruptura com a Igreja Católica e a criação de uma nova religião, o Anglicanismo.

O início da polêmica com o catolicismo veio em seu primeiro casamento com a espanhola Catarina de Aragão. O rei inglês queria um menino para ser o seu sucessor ao trono, entretanto, sua primeira esposa deu à luz uma menina cujo nome era Mary. Isso levou o Rei a procurar uma nova esposa para novamente casar e conseguir seu objetivo: Um herdeiro. Todavia, para que Henrique pudesse divorciar-se, ele teria que obter a autorização do Papa Clemente VII. Este momento ficou conhecido por “Questão real”.

O principal motivo, dizem os historiadores, para o Papa não ter permitido o divórcio do rei foi o fato de Catarina ser tia do imperador Carlos V, que apoiava a Igreja no combate aos luteranos. Mesmo não obtendo a permissão do papa, Henrique VIII tomou uma iniciativa e, em

1534, o parlamento proclamou o ato de supremacia em que o rei inglês criou sob seu poder a religião anglicana. Feito isso, Henrique VIII conseguiu o divórcio e casou-se com Ana Bolena, com a qual esperava ter o herdeiro. Porém, ela, assim como a primeira esposa, deu-lhe uma filha que teve por nome Elizabeth. Como não havia conseguido ainda ter um menino, Henrique VIII, na busca pelo seu objetivo, acusou Ana de adultério e ela acabou sendo morta por essa acusação, dando oportunidade a Henrique de casar-se novamente. Desse modo, o rei casou-se com Jane Seymour, que mesmo morrendo após o parto, gerou Edward I, o tão esperado filho e sucessor ao trono.

Quando Elizabeth completou 13 anos de idade, Henrique VIII morreu e como era de se esperar, o seu filho, Edward I, assumiu o trono com apenas nove anos de idade. Todavia, a saúde do novo rei era vulnerável e, em 1553, ele morreu de tuberculose. Nesse caso, a sucessora por direito era Mary, a primeira filha de Henrique com Catarina. Assumindo o trono em meio a polêmicas por ser católica, Mary casou-se com Felipe II, rei da Espanha, em 1554, e mandou perseguir e queimar na fogueira as pessoas que eram contra o seu governo.”

“Vários países da Europa enfrentaram verdadeiras crises em relação às reformas religiosas que se espalhavam pelo velho continente, entre elas, podemos destacar o Luteranismo, na Alemanha, e o Calvinismo, na Suíça. Em meio a esse cenário de luta entre católicos e reformistas, a atual rainha inglesa suspeitava que sua irmã, Elizabeth, estava incentivando revoltas contra seu governo e,

por isso, deu ordem para prendê-la na torre de Londres. Porém, Mary morreu em 1558 e o direito ao trono ficou com Elizabeth. Surpreendendo em seu governo, a nova rainha adotou medidas para melhorar a economia inglesa e também de impedir possíveis invasões de países inimigos.

Dentre as importantes características de governo de Elizabeth, destacaram-se os investimentos na indústria inglesa, a expansão econômica através da Companhia das Índias e o desenvolvimento no campo das Artes e da Literatura, como as publicações dos romances de alguns autores, entre eles, William Shakespeare, Edmund Spenser e Christopher Marlowe. Com essas atitudes, a rainha inglesa inaugurou um momento áureo para a sua nação.

Além disso, o reinado da rainha Elizabeth (1533 – 1603) destacou-se pelo apoio que recebeu de seus súditos e por complementar a obra reformista de seu pai, Henrique VIII, exigindo que o Anglicanismo fosse tomado novamente com a religião oficial da Inglaterra, já que sua antecessora havia colocado o catolicismo como principal religião. Além disso, ela tomou medidas pragmáticas tentando assimilar características também do calvinismo para não dividir o reino por questões de crença, estabeleceu acordos para evitar possíveis conflitos e deu voz aos católicos no parlamento para que não houvesse uma guerra civil. Mesmo assim, ocorreram confrontos religiosos com os católicos, como o de 1569, que foi violentamente punido. A rainha Elizabeth, além de enfrentar uma delicada relação com a Igreja Católica, teve um

duro confronto imposto pelo rei espanhol Felipe II, que acabou perdendo a guerra. O conflito ficou conhecido pelo governo inglês como “castigo protestante” aos espanhóis.

Conhecida também por ser a rainha virgem, Elizabeth, que nunca se casou nem deixou herdeiros, permaneceu no poder até sua morte em 1603, encerrando a dinastia Tudor. No período de seu governo, a Igreja Católica adotou uma série de medidas contra reformistas, como o Concílio de Trento elaborado pelo papa Paulo III. Essas medidas católicas eram uma maneira de combater o avanço de religiões como o Calvinismo e o Anglicanismo.

a) Anglicanismo, religião cristã originada na Inglaterra, na Reforma, ocorrida no século XVI.

b) Calvinismo, religião cristã originada das concepções de João Calvino, no século XVI.

c) catolicismo, religião cristã, com sede em Roma e obediente à autoridade do Papa.

Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo. Todas são doutrinas protestantes, que se distinguem pelo fato de assumir diferentes características mediante os seus precursores. Assim, a primeira doutrina protestante é o Luteranismo, na Alemanha, a qual influenciou o Calvinismo, de João Calvino, na França.

Obs: MINHA FONTE DE PESQUESA

“Elizabeth I

Por Fabrício Santos

Graduado em História”

"Rainha da Inglaterra e Irlanda

Por Dilva Frazão

Biblioteconomista e Professora”

"Jefferson Evandro Machado Ramos

Graduado em História pela Universidade de São Paulo - USP (1994)".

CAPITULO II

A RAINHA E OS PIRATAS

A rainha Elizabeth I, favoreceu muito a pirataria, inclusive patrocinando as navegações piratas.

O reinado de Elizabeth I na Inglaterra incentivou a navegação e a pirataria e fez com que o Brasil sofresse desde o início de sua colonização com ataques de corsários e piratas. Dedicados ao roubo de cargas, embarcações e quaisquer outras formas ilegais de se obter riquezas, exploraram vigorosamente o paubrasil, o açúcar e outras riquezas da terra, o que levou a coroa portuguesa a dividir o país em Capitânicas Hereditárias com o intuito de proteger-se dos referidos ataques.

"Diante do declínio do comércio inglês e do domínio marítimo espanhol, que impedia a expansão britânica, Elizabeth tomou medidas drásticas: patrocinou a pirataria semioficial dos corsários **Francis Drake e John Hawkins**, que passaram a lhe trazer o ouro capturado dos galeões espanhóis”.

Um corso ou corsário (do italiano “corsaro”) comandante de navio que ataca navios) era um navio, ou um comandante e tripulantes de uma embarcação que tivesse uma licença para atacar e pilhar os navios de uma ou-

tra nação.

O saque, a pilhagem e o apresamento de embarcações e povoados vulneráveis há séculos têm sido realizados por grupos organizados, atuando sob as ordens de um soberano ou de forma independente.

Tinham uma licença para atacar e pilhar os navios de uma outra nação. Essa licença, muitas vezes, vinha através de uma carta de corso (ou carta de marca), documento legal emitido por uma marinha específica, que autorizava pilhagem em embarcações de certas nações e definia as quantias a serem divididas entre os contratados e o contratante, teoricamente era uma embarcação pirata legalizada, reconhecida pela lei internacional. Inclusive, era comum nos tempos de guerra.

Diferença entre Corsários e Piratas, um tinha licença para roubar e a outra não, o corsário tinha autorização do governo para atacar navios inimigos, enquanto o pirata agia de forma ilegal

O reinado de Elizabeth I na Inglaterra incentivou a navegação e a pirataria e fez com que o Brasil sofresse desde o início de sua colonização com ataques de corsários e piratas.

Nesse tipo de prática econômica, os ingleses empreenderam a construção de uma poderosa frota de navios capaz de navegar por grandes distâncias e conseguir mercadorias no mundo oriental.

Quem foi Francis Drake

Francis Drake, foi um capitão inglês, vice-almirante do Reino da Inglaterra, corsário e um navegador famoso, e um político da era elisabetana. Isabel I da Inglaterra condecorou Drake como cavaleiro em 1581. Ele foi o segundo em comando da frota inglesa contra a Invencível Armada em 1588, subordinado apenas a Charles Howard e à própria rainha. Morreu de disenteria em janeiro de 1596, depois de um ataque fracassado a San Juan, Porto Rico.

Suas façanhas eram lendárias, tornando-o um herói para os ingleses, mas um pirata para os espanhóis, a quem ele era conhecido como El Draque, 'Draque' sendo a pronúncia espanhola 'Drake'. Seu nome em latim era Franciscus Draco ("Francis the Dragon"). O rei Filipe II de Espanha ofereceu uma recompensa por sua vida de 20 000 ducados, cerca de £ 4 000 000 (US\$ 6,5 milhões) pelos padrões modernos. Entre outras coisas, é famoso por ter sido o primeiro inglês a realizar uma volta ao mundo, em 1577-1580.

Era o mais velho de doze irmãos, filho de Edmund Drake (1518-1585), um agricultor protestante, e de Mary Mylwaye.

Francis Drake começou seu legado como corsário, trabalhando para a rainha Isabel I da Inglaterra em 1568.

A rainha o havia contratado por suas habilidades marítimas, para que então pudesse enviá-lo a fazer alianças, criar novas rotas, explorar e trazer dinheiro para a coroa.

Francis Drake, John Hawkins e Thomas Doughty, foram grandes navegadores ingleses, e teriam partido de

Plymouth, no dia 15 de novembro de 1577, porém Drake não gostava da ideia de dividir o poder com mais dois homens. Logo as diferenças dos capitães os fizeram fracos e desuniu a tripulação. Controlando a situação com mão forte, Drake conseguiu unir todos os tripulantes e emergiu como o verdadeiro líder.

Primeira Tentativa

Logo no primeiro dia de viagem, os navegadores enfrentaram uma terrível tempestade marítima. Drake decidiu parar e esperar o tempo melhorar, ancorando próximo ao porto de Falmouth, ainda na Grã-Bretanha. Ao final da tempestade, o Pelican ficou seriamente danificado, e os três comandantes foram obrigados a voltar a Plymouth para fazer reparos na embarcação.

Partiram todas as embarcações sob o comando de Drake, o que seria uma expedição para o Nilo logo se revelara ser outro destino. Drake queria comandar a navegação para o oceano Pacífico pelo estreito de Magalhães, lugar de má fama que causou contenda na tripulação.

Ainda no Atlântico oriental, Drake capturou um navio mercante português e obrigou seu capitão, que conhecia bem as áreas próximas ao Brasil e o estreito de Magalhães, a ficar com eles e ajudá-lo a navegar naquela região. O navegador português permaneceu com Drake durante 15 meses. A flotilha então atravessou o Atlântico,

via ilhas do Cabo Verde, até à costa do Brasil.

Pirataria

Sir Francis Drake, ficou conhecido por sua luta obstinada contra Filipe II da Espanha e por ter sido o primeiro dos grandes da marinha inglesa. Fez pirataria no Caribe contra navios e possessões espanholas, viajou ao longo da América do Norte e foi o primeiro comandante inglês a circum-navegar o mundo.

Alguns historiadores afirmam que teria sido filho bastardo de Isabel I de Inglaterra. Chegou a capitão de navio aos vinte anos de idade. Dois anos mais tarde foi atacado e derrotado pela armada espanhola, perdendo o navio e quase perdendo a vida, o que lhe legou um ressentimento profundo aos espanhóis.

Em 1577, a rainha enviou Drake numa expedição para atacar os espanhóis ao longo da costa do Pacífico nas Américas. Drake partiu **no Golden Hind (Corça Dourada)**, atravessou o estreito de Magalhães, devastou os territórios espanhóis das costas ocidentais da América, tomou posse da Califórnia (a que chamou “Nova Albion”), e regressou à Europa via Índias Orientais pela rota do cabo da Boa Esperança tendo completado a segunda circum-navegação do mundo (1580). O seu golpe mais famoso foi o ataque ao galeão espanhol Cacafuego (1579) ao largo da costa do Panamá.

Em 1588, liderou a armada inglesa na defesa ao ata-

que da Invencível Armada, da qual capturou ou afundou cinco navios.

Às 04h00 do dia 28 de janeiro de 1596 a bordo do Defiance, Sir Francis Drake morreu de disenteria com cerca de 55 anos. No dia seguinte (29), ele foi enterrado no mar, próximo a Portobelo, num caixão de chumbo, ao som de trombetas e canhões. Segundo uma lenda, o seu corpo foi lançado ao mar trajando uma armadura de ouro de dezoito quilates, com sua espada, também de ouro.

Referências

Francis Drake. **Biography (em inglês)**. Consultado em 4 de abril de 2021.

Francis Drake Biography. **Life, family, children, young, son, information, born, house, time**». www.notablebiographies.com. Consultado em 23 de setembro de 2021.

AINDA SOBRE “Francis Drake”

Entre os lobos do mar, o capitão mais famoso foi Sir Francis Drake, que não somente acreditava ser o corso, que primeiro foi um pirata, e depois recebeu da própria Rainha o título de corsário, acreditava em uma política

viável e estratégia econômica, mas também um meio de empreender, vivenciou uma guerra religiosa entre a Inglaterra protestante e a Espanha católica. Ao rondar o Atlântico e o Caribe capturando navios de tesouro, Drake recebeu o apelido de “El Draque” (“O Dragão”) dos espanhóis. Entre seus ataques mais célebres estão o assalto ao povoado de Nombre de Dios e a captura de uma caravana de prata no Panamá, em 1573. Para ilustrar a transição entre exploração e o corso, Drake completou a circum-navegação do globo entre 1577 e 1580.

Numa viagem épica a bordo de seu navio de 150 toneladas, o Golden Hind (Corça Dourada), Drake atacou embarcações nas ilhas do Cabo Verde, navegou para a costa da América do Sul, chegou ao Pacífico, onde ataques de surpresa atingiram povoações coloniais espanholas, tais como a de Valparaíso, com novas pilhagens de navios de tesouros. Foram elaborados mapas do litoral percorrido e, em março de 1579, veio o maior prêmio da viagem: o navio Nuestra Señora de la Concepción (Nossa Senhora da Conceição, também chamado de Cacafuego). Foram necessários seis dias para esvaziar a carga de ouro e prata do Cacafuego [em inglês, fanfarrão, pessoa explosiva].

Em seu caminho ao longo da costa da Nicarágua, Guatemala e México, Drake capturou ainda mais navios e espólios. O marinheiro explorou a possível existência da Passagem Noroeste para a Ásia e em seguida retornou ao sul, desembarcando próximo ao que é hoje São Francisco, onde tomou posse da terra em nome da rainha, chamando-a de “Nova Albion” (uma reivindicação deixada

de lado posteriormente). O intrépido marinheiro cruzou o Pacífico e chegou às Índias Ocidentais (Indonésia e Filipinas), onde embarcou valiosas especiarias. Ele escapou de encalhar num recife, cruzou o Oceano Índico, circundou o Cabo da Boa Esperança e retornou a Plymouth, na Inglaterra, após uma viagem de dois anos e nove meses. O valor estimado da carga totalizou cerca de 600.000 libras, mais do que o dobro da arrecadação anual do país. Elizabeth ficou deliciada com seu lobo do mar favorito e o nomeou cavaleiro a bordo do Golden Hind. Tamanho reconhecimento era uma mensagem clara a Filipe que os lobos do mar eram representantes de sua monarca e bastante diferentes dos piratas de todas as nacionalidades (ingleses inclusive) que rondavam os mares. Drake tornou-se o homem mais rico da Inglaterra em termos de dinheiro vivo, além de uma inspiração para todos os demais corsários e um herói nacional duradouro. O Golden Hind ainda estava em exposição pública um século depois de sua viagem mais famosa.

Através da década de 1580, Drake continuou suas expedições, promovendo audaciosas incursões em áreas espanholas prósperas, como Cabo Verde, Santo Domingo, Cuba, Colômbia, Flórida e Hispaniola (atual Haiti). Em 1587, o capitão ilustrou a utilidade dos corsários na defesa nacional ao destruir 31 navios espanhóis, capturar seis e inutilizar suprimentos valiosos para a Armada Espanhola, tudo num só ataque surpresa em Cádiz.

Pirata John Hawkins

Nascimento: 1532, Plimude, Reino Unido

Falecimento: 12 de novembro de 1595, Porto Rico

Filho: Richard Hawkins

Pais: William Hawkins, Joan Trelawny

Sir John Hawkins foi um comerciante de escravos inglês, comandante naval e administrador, comerciante, navegador, construtor naval e corsário. Seu irmão mais velho e parceiro comercial era William.

Ele foi considerado o primeiro comerciante inglês a lucrar com o Triangle Trade, baseado na venda de suprimentos para colônias mal supridas por seus países de origem, e sua demanda por escravos africanos nas colônias espanholas de Santo Domingo e Venezuela no final do século XVI. Ele se intitulava “CapitãoGeneral” como o General de sua própria flotilha de navios e os da Marinha Real Britânica e para se distinguir dos Almirantes que serviam apenas no sentido administrativo e não eram de natureza militar. Sua morte e a de seu primo em segundo grau, Sir Francis Drake, anunciaram o declínio da Marinha Real por décadas antes de sua recuperação e eventual domínio, ajudados pela propaganda dos dias de glória da marinha sob sua liderança.

Como tesoureiro (1577) e controlador (1589) da Marinha Real, Hawkins reconstruiu navios mais antigos e ajudou a projetar os navios mais rápidos que resistiram à Armada Espanhola em 1588. Um dos principais marinheiros da Inglaterra do século XVI, Hawkins foi o arqui-

teto-chefe da marinha elisabetana. Na batalha em que a armada espanhola foi derrotada em 1588, Hawkins serviu como vice-almirante. Ele foi condecorado por bravura. Mais tarde, ele tentou o bloqueio naval para interceptar navios espanhóis de tesouros que partiam do México e da América do Sul.

Os Lobos do Mar

Os lobos do mar, denominação dada com desprezo pelas autoridades espanholas, eram corsários que, com o consentimento e, em certas ocasiões, com o apoio e financiamento de Elizabeth I da Inglaterra (1558-1603), atacaram e saquearam povoações coloniais e navios espanhóis que transportavam tesouros na segunda metade do século XVI. Marinheiros como Sir Francis Drake (1540-1596), e Sir JOHN HAWKINS, (1532-1595), que eram primos, conseguiram ficar imensamente ricos.

Elizabeth e seu reino, impedida de comerciar legitimamente com as colônias do Novo Mundo (As Américas), devido ao monopólio estabelecido por Filipe II da Espanha (r. 1556-1598), voltaram-se para o roubo para persuadir o rei espanhol a alterar sua política. À medida que as relações anglo espanholas se deterioravam, os corsários tornaram-se uma ferramenta útil para reduzir a riqueza da Espanha, prejudicando os planos de Filipe de construir a Armada com a qual esperava invadir a Inglaterra. Embora em alguns aspectos muito bem-sucedidos, especialmente no caso do grande navio do tesouro

Madre de Deus (Mãe de Deus), os corsários não atuavam em conjunto o suficiente para representar uma ameaça séria e contínua à navegação espanhola, que começou a enviar comboios armados com bons resultados. Por umas poucas décadas, no entanto, os rápidos navios ingleses, erçados com canhões e capitaneados por aventureiros audaciosos, causaram pânico em alto mar.

O Novo Mundo

O imenso império espanhol nas Américas era uma tentadora fonte de riqueza para as potências europeias rivais. Os espanhóis pilharam ouro, prata e pedras preciosas dos muitos povos conquistados no continente e enviavam estas preciosas cargas para a Europa em navios do tesouro, frequentemente numa frota anual por vezes chamada frota da prata (do espanhol para prata, plata). Também havia navios do tesouro provenientes da Ásia - os Galeões de Manila - carregados com as valiosas especiarias, porcelanas finas e outros produtos preciosos, principalmente quando Filipe II também se tornou rei de Portugal, em 1580. O segundo motivo de cobiça era a oportunidade de negociar tanto com povos indígenas das Américas quanto com colonizadores espanhóis. Como Filipe queria manter seus rivais afastados desta segunda fonte de riqueza, monarcas como Elizabeth I da Inglaterra voltaram-se para a primeira alternativa. O

comércio pacífico até foi tentado por marinheiros como John Hawkins durante a década de 1560, mas o ataque a San Juan D'Ulloa, o porto de Vera Cruz, no México, ao final do qual só restaram dois dos navios de Hawkins, demonstrou claramente que os espanhóis não abririam mão de seu monopólio nas Américas para outras nações, mesmo que não conseguissem atender às demandas coloniais, em particular por escravos e tecidos.

Ao pilhar os navios de tesouros de Filipe e as povoações coloniais, a Inglaterra poderia ficar mais rica, a Espanha rival mais pobre e o rei espanhol talvez permitissem o livre comércio no Atlântico Ocidental. Para alcançar este objetivo, Elizabeth não somente ignorou aos atos de pirataria dos seus súditos, mas os encorajou ativamente. Este encorajamento veio em várias diferentes formas, como ordens secretas; licenças oficiais para navegar navios corsários armados, como dinheiro para a aquisição de navios e armazéns; o uso de navios da Marinha Real; e a recompensa em forma de títulos e propriedades para quem fosse bem sucedido. A rainha frequentemente investia em sociedades por ações criadas com o propósito específico de financiar expedições corsárias. Algumas viagens também incluíam exploração de novos territórios ou novas rotas de comércio, como a Passagem Noroeste, uma possível conexão entre a América do Norte e a Ásia. É discutível, porém, se Elizabeth realmente desejava criar novas colônias, especialmente quando ela podia se apropriar de imediato dos recursos de um monarca rival.

Além disso, não havia muito a perder. Por umas poucas milhares de libras ou alguns velhos navios, a rainha poderia obter lucros elevados das expedições que resultavam em porões repletos de cargas preciosas. Este tipo de guerra econômica era, com certeza, mais barata do que financiar grandes exércitos terrestres. Ainda que o que ela chamava de seu “baú do tesouro” pudesse ser irregular, reduzia o fardo dos impostos sobre seus súditos. Em alguns anos, os lucros do corso excediam a arrecadação anual da Inglaterra em meados do século XVI. E ainda havia outra vantagem: os marinheiros ganhavam experiência marítima e mantinham seus navios sempre ocupados, o que os deixava prontos para a ação em emergências nacionais, como a invasão da Armada Espanhola, em 1588. Ao mesmo tempo, o poderio naval de Filipe ficaria cada vez mais enfraquecido.

Ainda que irritado com estes roubos, o rei espanhol estava ocupado demais em manter seu império europeu intacto e dificilmente iria à guerra por causa de uns poucos corsários. Por fim, Filipe lançou um assalto à Inglaterra com a Armada Espanhola, mas isso ocorreu devido a vários motivos, dos quais os lobos do mar eram apenas mais um. Em meados da década de 1580, havia em média 150 expedições inglesas anuais de corso, a maioria delas em pequena escala. À medida que a guerra anglo-espanhola se arrastava, o comércio legítimo tornou-se progressivamente mais difícil e os mercadores voltaram-se para os lucros provenientes do financiamento aos corsários.

Os Capitães

Curiosamente, muitos dos lobos do mar de Elizabeth vieram do condado inglês de Devon e tinham parentesco consanguíneo ou pelo matrimônio. Histórias familiares e a cultura marítima local podem ter inspirado os jovens a seguir as trilhas dos pais e comandar as embarcações corsárias. Estes capitães tanto podiam ser grandes servos da sua soberana quanto causadores de prejuízos, conforme explica o historiador S. Bridgen:

“Fora do alcance da terra firme, capitães podiam escolher ser mercadores, piratas ou exploradores, ou cada um deles sucessivamente. Uma vez no mar, quem poderia obrigá-los? No minúsculo mundo de um navio, capitães possuem poderes monárquicos, até mesmo tirânicos, se puderem evitar que suas tripulações se amotinem.”

Havia poucos escrúpulos sobre os riscos envolvidos na atividade ou na responsabilização pelas autoridades. Como Walter Raleigh afirmou certa vez, “Você já ouviu de alguém que fosse pirata por milhões?” (Williams, 225). Em outras palavras, dada as enormes quantidades de riquezas em jogo, os corsários eram obviamente parte de um mecanismo estatal e não ladrões comuns.

Os audaciosos lobos do mar de Elizabeth às vezes eram impulsivos ao nível da estupidez. Sua bravata talvez tivesse origem na negligência generalizada de Filipe rei espanhol, com seus tesouros. As embarcações espanholas, planejadas em sua maioria para o transporte,

não para o combate, costumavam ser alvos fáceis para os ágeis e bem armados navios ingleses (e os de outras nações, como França e Holanda). Alguns dos melhores navios espanhóis estavam armados e os maiores portos do Novo Mundo possuíam fortalezas e baterias costeiras, mas a navegação pelo alto-mar era arriscada, com muitas oportunidades para os corsários e piratas de verdade exercerem seu negócio ilegal.

As Tripulações

Nas mal ventiladas, superlotadas e nem sempre limpas embarcações do período, um marinheiro corria maior risco de morte por doenças do que por um tiro de canhão espanhol. De fato, as baixas costumavam ser tão altas que um navio por vezes precisava ser abandonado pela falta de homens para navegá-lo. A grande atração, claro, e a razão pela qual os marinheiros encaravam os perigos do mar, doenças e combates, era a possibilidade de ganhos elevados através da pilhagem. Com exceção da carga (que era dividida entre o capitão, oficiais e investidores, com uma pequena porcentagem dividida entre o restante da tripulação), eles tinham permissão de tomar o que quisessem dos navios capturados. Na verdade, era bastante difícil controlar quem pegava o quê após a tomada de uma embarcação, e uma pequena porção de moedas de ouro ou mesmo joias poderiam encerrar as

preocupações financeiras dos tripulantes pelo resto de suas vidas. Em consequência, equipar uma expedição de curso era bem mais fácil do que reunir uma tripulação para um navio onde não houvesse chance de espólios. A atração dos tesouros era tão popular que começou a haver falta de marinheiros para barcos de pesca nos portos ingleses.

Os Fracassos

Também houve muitos fracassos nas expedições. O corsário John Oxenham (c. 1535-1580) tentou tomar o controle do Panamá, através do qual a prata saqueada da América do Sul era transportada em comboios de mulas. Desembarcando no istmo em 1576, conseguiu manter a região por um ano, mas sua frota acabou destruída e os ingleses capturados pelos espanhóis. Os vencedores enforcaram a maior parte das tripulações lá mesmo e o restante passou a trabalhar como escravos de galé. Enquanto isso, Oxenham, preso em Lima, no Peru, foi torturado para confessar quais os planos da Inglaterra para o Pacífico e depois executado em 1580.

Outro desastre foi a perda do *Revenge* (Vingança), comandado na ocasião por Sir Richard Grenville (1542-1591). Como era costume entre os lobos do mar, Grenville tinha várias ocupações: membro do Parlamento, soldado, fazendeiro e marinheiro. Tornou-se lembrado,

no entanto, pela sua corajosa, ainda que inútil, defesa de seu navio, atacado por uma frota de 56 embarcações espanholas nos Açores, em 1591. O capitão estava se escondendo nas ilhas, esperando surpreender navios de tesouro espanhol, mas acabou sendo descoberto pelos inimigos. Os demais navios ingleses fugiram e Grenville acabou isolado. Lutando valentemente por mais de 15 horas, o *Revenge* causou muitos danos, mas finalmente sucumbiu, ganhando um status lendário no folclore marítimo inglês.

Quando os corsários se envolviam em operações militares estatais, nem sempre tinham sucesso. Entre os dois maiores fracassos estão a Expedição Drake-Norris de 1589 e a última viagem de Drake ao Caribe, em 1595. A primeira consistiu numa enorme frota de 150 navios que tentou capturar Lisboa, mas terminou em debandada e sem pilhagens significativas. O segundo desastre resultou na morte de Drake, que tentou pela última vez “chamuscado as barbas do rei” [esta expressão inglesa, *singe the king’s beard*, virou sinônimo, na época, dos ataques às povoações coloniais e portos espanhóis]. Encontrando uma forte resistência espanhola em Porto Rico, o capitão ainda conseguiu pequenos progressos contra outros povoados e navios bem armados, mas morreu de disenteria em meio à viagem. Haveria outros corsários, mas isso trouxe o fim de uma era.

Limitações e Declínio

O curso como uma política de estado apresentava alguns problemas sérios. Não havia muita coordenação entre as expedições de corsários e os capitães. Entre os integrantes de uma mesma frota havia objetivos conflitantes, pois uma vez que o capitão tivesse adquirido o butim que ele e seus investidores esperavam, frequentemente voltava para casa. Outra questão era a ausência de qualquer valor estratégico duradouro numa política deste tipo: lucrar num ano não tinha efeito algum nas chances de lucrar no próximo. Havia também competição por parte de corsários e piratas franceses e holandeses. Além disso, os espanhóis sabiam perfeitamente que os ingleses tinham poucos escrúpulos quando espólios valiosos estavam em jogo. Conforme observou o embaixador Guzman de Silva, os ingleses “... têm bons navios e são um pessoal ganancioso, com mais liberdade do que seria melhor para eles” (Williams, 43). Em consequência, os espanhóis reagiram à ameaça imposta pelos corsários e tomaram medidas para minimizar seus danos. As povoações coloniais receberam fortificações mais poderosas, além de baterias costeiras. Ainda que Filipe estivesse reduzido a navegar seus navios da prata em épocas inoportunas do ano (o que levava a mais naufrágios devido às tempestades), com o tempo, o uso de escoltas fortemente armadas e navios novos e mais rápidos, reunidos em comboios para aumentar a proteção foram bastante efetivos a partir do início da década de 1590 e, por volta de 1595, Filipe novamente possuía uma marinha completa para patrulhar os oceanos.

Por fim, o comércio pacífico e duradouro tornou-se muito mais lucrativo do que atacar navios no mar e, com isso, os corsários entraram em declínio. No entanto, pirataria em si alcançaria seu auge em meados do século XVII e início do século XVIII, quando o surgimento dos impérios coloniais europeus viesse a trazer novas tentações para os marinheiros aventureiros, ansiosos por ganhos fáceis. A riqueza real, porém, encontrava-se no comércio internacional e, assim, grandes companhias comerciais foram criadas, tais como a gigante colonial Companhia das Índias Orientais, fundada em 1600.

Foram os lobos do mar, no entanto, que lançaram as fundações e mostraram que a Inglaterra, ainda que distante do restante da Europa, poderia gradativamente construir um império mundial conectado por suas forças navais. Os marinheiros ingleses passaram a dispor de um conhecimento muito maior dos ventos e marés, combinado com mapas bem mais precisos e instrumentos de navegação confiáveis. Além disso, os lobos do mar trouxeram mudanças sociais. Aqueles que conseguiram riqueza do curso ascenderam na escala social, adquiriram propriedades e investiram em empreendimentos comerciais e negócios que se tornariam amplamente conhecidos. Além desta opulência, novos produtos foram introduzidos e adotados pelos ingleses de todas as classes, em especial o tabaco, açúcar de cana, pimenta e cravo-da-índia. Talvez não seja coincidência, portanto, que um galeão elizabetano apareça na cunhagem da rainha e tenha permanecido em vários tipos de moedas inglesas

até 1971.

Bibliografia

- Bicheno, Hugh. **Elizabeth's Sea Dogs**. Conway, 2014.
- Brigden, Susan. **New Worlds, Lost Worlds**. Penguin Books, 2002.
- Elton, G.R. **England Under the Tudors**. Routledge, 2018.
- Ferriby, David. **The Tudors**. Hodder Education, 2015.
- Guy, John. **Tudor England**. Oxford University Press, 1988.
- Morrill, John. **The Oxford Illustrated History of Tudor & Stuart Britain**. Oxford University Press, 1996.
- Wagner, John A. **Historical Dictionary of the Elizabethan World**. Greenwood, 1999.
- Williams, Neville. **The Sea Dogs**. Weidenfeld and Nicolson, 1975.
- A World History Encyclopedia é um associado da Amazon e recebe uma comissão sobre as compras de livros elegíveis.

CAPITULO III

MAIS DETALHES SOBRE OS PIRTAS

Existia entre os piratas um Código de conduta.

As regras de cada capitão eram estabelecidas para cada um dos membros da tripulação. pois existia alguma incerteza acerca do comportamento aceitável entre os piratas num navio pirata normal. Quando as regras eram quebradas, a tripulação punia várias vezes sem dó nem piedade o infrator. Ainda assim, em alguns casos em que o pirata em questão desempenhava bem a sua função podia ser absolvido.

Exemplo de um código de conduta:

Todos os homens devem obedecer ao código civil; o capitão tem direito a uma parte e meia de todos os prêmios; o imediato, o carpinteiro, o mestre e o homem de armas têm direito a parte e um quarto do saque;

Recompensas da pirataria

Os piratas eram hábeis a recolher bens e riquezas espantosas nas suas incursões no oceano. As principais riquezas obtidas pelos piratas eram metais preciosos (ouro e prata), dinheiro, joias e pedras preciosas. Mas a maioria das pilhagens era feita aos mercadores, de quem roubavam linhos, roupas, comida, âncoras, cordas e medicamentos. A carga pilhada aos mercadores também incluía artigos raros, tais como especiarias, açúcar, índigo e quinina.

Os tipos de bens pilhados variavam consoante os navios encontrados: assim, alguns piratas eram muito seletivos nos navios que atacavam, tendo a certeza de que o saque iria cobrir os riscos da batalha (era importante escolher uma boa área para atacar). Uma dessas áreas era o chamado Spanish Main (porção continental da América espanhola). Como se sabe, a armada espanhola ia frequentemente para Portobelo para carregar os tesouros do Peru, que eram duas vezes o rendimento do rei de Inglaterra e, muitas vezes, incluíam 25 milhões de pesos sob a forma de lingotes de prata e moedas.

Cada tripulante do navio recebia uma só parte do butim, com exceção ao capitão, que recebia uma parte e meia.

Escolher o navio certo e a carga certa para pilhar era um dever essencial de todos os capitães piratas, que, dessa forma, esperavam evitar motins a bordo.

Outra preocupação era o método para dividir os tesouros pilhados. No código de conduta pirata, estava declarado que as pilhagens não eram divididas de forma igual. Por exemplo, algumas moedas, tais como pesos, eram cortadas para que houvesse uma partilha mais exata. Contudo, as joias não eram fáceis de serem divididas. As provas deste processo de partilha são as marcas de facas marcadas em alguns tesouros piratas expostos em museus por todo o mundo.

A ideia dos tesouros enterrados é um mito, que está maioritariamente em livros com histórias de piratas. O pirata com o qual começou este mito foi o Capitão Kidd. Contudo, é possível que alguns piratas tenham escondido os seus tesouros deste modo. A maior parte dos piratas era extremamente gastadora e raramente acumulavam dinheiro suficiente para o enterrar ou esconder. Visto o perigo que estes viviam constantemente, estavam mais determinados em gastá-lo imediatamente que em guardá-lo para o futuro.

Indenização por mutilações

Pode-se dizer que a vida dos piratas era muito difícil, podendo estes, muito provavelmente, sofrer danos muito graves ou mesmo morrer. Além da morte, o maior medo de um pirata era vir a ser incapacitado.

Quando perdiam um membro, os piratas eram re-

compensados pela sua perda, e eram recompensas perfeitamente adequadas para os tempos em que viviam. Se um pirata fosse ferido na perna, a amputação, muitas vezes, era a única saída para ser salvo. Os médicos não eram comuns a bordo de navios piratas, então, muitas vezes, o cozinheiro era chamado para fazer as amputações. Contudo, como as operações raramente tinham sucesso e como o cirurgião inexperiente podia não conseguir fazer parar a hemorragia, o pirata raramente sobrevivia e, mesmo que sobrevivesse à amputação, podia não passar de uma infecção posterior. Caso sobrevivesse, era necessário um substituto para a perna em falta, que, normalmente, era qualquer coisa que estivesse livre no barco, como, por exemplo, um pedaço de madeira comprido. Esta prática também poderia acontecer no caso de uma mão, tal como existe o vulgar exemplo do gancho.

Na verdade, a maioria das tripulações piratas era organizada, razoavelmente sofisticada e com tratamento adequado aos seus membros feridos. Os piratas feridos não eram compensados apenas financeiramente, mas, muitas vezes, a eles, também eram oferecidos trabalhos não exigentes no navio. Trabalho este que podia incluir manobrar canhões, fazer os cozidos, e lavar o convés do navio.

Num exemplo descrito por Exquemelin, a recompensa assumia os seguintes valores: pelo braço direito, seiscentos pesos ou oito escravos; quinhentos pesos pelo braço esquerdo (ou cinco escravos); por um olho, cem pesos ou um escravo; idêntica quantia por um dedo; pela

perna direita, quinhentos pesos; e pela esquerda, quatrocentos. Em comparação com os valores atuais, um peso vale cerca de 96 cêntimos de dólar dos Estados Unidos, o que, para a altura, era muito.

Vida em terra e no mar

Quando os piratas regressavam das suas pilhagens, eles estavam prontos para a diversão. Se regressassem de uma viagem bem-sucedida, os piratas, rapidamente, esgotavam a sua riqueza nas tabernas e nas cervejarias locais. Muitas vezes, piratas bêbedos gastavam milhares de pesos numa única noite (nessa altura, com dez pesos, comprava-se uma pequena manada de gado). Prazeres como rum, comida, vinho e jogo faziam pobres tabernas ricas em uma noite. Em suma, os piratas gastavam nas tabernas tudo o que ganhavam. A vida na terra não era só diversão e jogo, no entanto. Para o sucesso, um pirata tinha bastante trabalho enquanto estava em terra. Depois de uma viagem longa, as lapas e as algas tinham de ser retiradas do casco do navio. Depois de uma boa batalha, o barco era reparado ou substituído. Uma das tarefas mais importantes era para abastecer bem o navio com provisões de água e comida para a próxima viagem.

A vida no mar era muito árdua, os porões eram escuros, mal cheirosos, úmidos e sentia-se falta de ar.

Também se pode presumir que a vida no mar era

uma grande maçada para os piratas. Um grande contraste entre a vida no mar: navegam que dizer semanas de aborrecimento a procurar uma presa, e depois guerras muito duras quando encontravam vítimas.

Com nada para distrair os piratas sanguinários, conflitos e lutas eram comuns. Era nessas alturas que o capitão intervinha e controlava-os com medo ou respeito. O capitão não tinha a última palavra, pois em muitos casos o navio pirata era dirigido democraticamente.

Nas viagens de longa duração, o racionamento de comida era o maior desafio para os piratas. Os piratas muniam-se de cerveja engarrafada antes das viagens longas, pois a água rapidamente se deixava de ser potável., devido ao seu sabor salgado. De início, os piratas detestavam os biscoitos duros que duravam muito tempo; embora para as longas viagens se munissem de lima, como abastecedor de vitamina C. Se tivessem sorte, os piratas podiam ter algumas galinhas a bordo, que lhes davam ovos e carne. Aparentemente os piratas encontravam abastecimento ilimitado de carne nas tartarugas que crescem nas Caraíbas. Além de serem deliciosas, estas tartarugas eram facilmente apanhadas.

Eles também gostavam de frequentar tavernas e locais de diversão, onde podiam se divertir e celebrar suas vitórias. Outros piratas eram mais práticos e investiam em negócios, como navios ou tavernas. Isso lhes permitia continuar a ganhar dinheiro, mesmo quando não estavam saqueando navios.

Uma observação sobre mulher e piratas

Geralmente, os piratas faziam suas as mais belas cativas de concubinas ou esposas. Se um pirata esposasse uma mulher, ele tinha de ser fiel a ela. As que não eram consideradas atraentes eram soltas e as restantes eram utilizadas para conseguir dinheiro de resgates, e sem falar que nas tabernas eles encontravam facilmente mulher da vida para poderem se divertirem, adoravam torrar pequenas fortunas com mulheres e bebidas.

Mulheres piratas

Durante o século XVIII, durante a Era de Ouro da Pirataria, havia uma regra clara: nada de meninos ou mulheres a bordo. Mas Anne Bonny não ligava para superstições e determinações masculinas, tornando-se uma das poucos piratas mulheres e sendo lembrada por sua coragem e temperamento.

Anne Bonny foi um pirata irlandesa juntamente com Mary Read. foram as duas capitãs mais famosas do Caribe.

Segundo o livro Uma História Geral dos Roubos e Assassínatos dos Piratas Mais Notórios, publicado em 1724 e escrito pelo Capitão Charles Johnson, “ninguém

foi mais ousado ou corajoso” do que está impetuosa corsária ruiva e de olhos verdes, Anne Bonny.

Historiadores explicam que por mais que as façanhas de Anne - uma das poucas mulheres a se tornarem piratas - tenham sido relatadas na época, essas informações foram ocultadas posteriormente, talvez como uma forma de evitar que outras moças a usassem como inspiração.

Tiveram outras aventureiras na Pirataria.

ALWILDA, (a capitã viking) - JEANNE DE BELLEVILLE (a tigresa bretã) - GRACE O'MALLEY, (a rainha do mar de connaught) - RACHEL WALL, (a primeira pirata americana) e a CHING SHIH, (a pirata mais poderosa da história).

CAPITULO IV

TEMPOS ATUAIS

O casal

Em épocas atuais, uma determinada família comum, vivendo uma vida normal, com seus problemas de um casal do século 20, (Século XX: ano 1901 ao ano 2000) casados a 25 anos, no Brasil e tendo uma filha, ou seja, uma família convencional com três pessoas.

Essa história acontece em plena ditadura militar aqui no Brasil.

A ditadura militar brasileira foi o regime instaurado no Brasil em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares.

A ditadura militar no Brasil durou 21 anos, teve 5 mandatos militares e instituiu 16 atos institucionais – mecanismos legais que se sobrepunham à Constituição Federal. Nesse período houve restrição à liberdade, repressão aos opositores do regime e censura.

Segundo relatos publicados pelo Departamento de Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas: “Os militares envolvidos no golpe de 1964 justificaram sua ação afirmando que o objetivo era restaurar a disci-

plina e a hierarquia nas Forças Armadas e deter a “ameaça comunista” que, segundo eles, pairava sobre o Brasil.

A Ditadura Civil-Militar no Brasil foi marcada pela extrema violência com a qual foram combatidos os opositores do regime. Prisões arbitrárias, torturas, estupros e assassinatos aconteceram pelas forças militares e policiais no país.

Nesse capítulo falaremos um pouco sobre essa família, seus costumes, suas ideias, conceitos, como esse romance acontece em plena ditadura militar, imagina os preconceitos e como pensava a sociedade da época.

No período Militar foram proibidas tanto a publicação quanto a circulação de livros, além de autores e livros estrangeiros, sobretudo os de temática social e política, cerca de 140 livros de autores brasileiros foram oficialmente vetados pelo Estado durante o período.

O presidente era eleito por “Colégios Eleitorais”, após serem escolhidos dentro das forças armadas. A candidatura era apresentada e o Colégio se reunia para referendar a escolha militar

Estou falando em uma época que tudo era pecado, vivíamos entre o céu e o inferno, há relatos que homens e mulheres homossexuais, eram tratadas como lixo, a ciência considerava como desvio de comportamento, e eles muitas vezes eram jogados em clínicas para tratamento psicológicos, onde se aplicava nos homens choque nos testículos para estimular sua masculinidade e nas mulheres, choque nos bicos dos seios.

Narcélio, contador, tinha seu próprio escritório de

contabilidade e tinha vários clientes, homem amável, pele morena, cabelos escuros e lisos, carinhoso, romântico, sonhador com um mundo melhor para todos, muito temente a Deus, ou seja, religioso, católico de carteirinha, teria sido em sua juventude seminarista.

Helena, sua esposa, tinha um salão de beleza, uma clientela fiel, mulher de pele clara, cabelos ondulados, já não era tão romântica, tinha ideias e pontos diferentes da vida e como o Narcélio via a vida.

Digamos que eles dois seriam da mesma escola literária, como Machado de Assis e José de Alencar, românticos, mais tendo maneiras diferente de ver o amor, a vida, o ser humano e da sociedade no geral.

Gostaria de salientar uns pontos sobre esses dois grandes gênios da literatura romancistas Brasileira.

Machado de Assis foi o principal representante do realismo brasileiro. Ele é mais conhecido pelos livros de sua segunda fase, caracterizada, principalmente, pela crítica à idealização romântica.

Tinha uma frase super famosa, esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa se apagar o caso escrito.

Machado de Assis, mais conhecido por seus livros realistas, mas também escreveu obras românticas. Seus livros realistas são marcados pela objetividade, ironia e crítica social. Suas obras românticas apresentam idealização e discutem a ascensão social enquanto de José de Alencar Dividida em períodos: indianista, urbano, regionalista e histórico; crítica de costumes, principalmente da

hipocrisia moral burguesa; Multiplicidade de paisagens geográficas; Diversidade de períodos históricos contemplados, tendo em suas obras muito romantismo.

Caracterizando a bondade, nobreza, valentia e pureza do selvagem, José de Alencar às vezes o aproxima dos cavaleiros e donzelas medievais, revelando um pouco dos traços românticos europeus que assolavam nossa cultura. José de Alencar: um crítico dos costumes

Embora a idealização romântica seja uma marca das suas obras, o autor analisava as relações interpessoais e os comportamentos individuais dos personagens em relação ao ambiente em que viviam, conduzindo o leitor a examinar a sociedade como ela é, sempre vendo o lado romântico da vida.

José de Alencar em um de seus romances, Iracema no qual é considerado por muitos “um poema em prosa” e narra a história de uma índia tabajara que se apaixona por um colonizador europeu. Utilizando-se desse encontro entre a índia e o seu amado, José de Alencar faz uma alegoria do processo de colonização do Brasil e de toda a América.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Hoje o escritor Machado diria somente assim, que a Índia Iracema seria uma Índia linda e bonita, e pronto, somente.

Vitória, filha do casal, os seus pais tinham por ela um verdadeiro amor, e cresceu em um ambiente totalmente fértil de amor, carinho e compreensão.

Ela até os seus 18 anos, uma filha maravilhosa, sem problemas, mais quando entrou na faculdade tudo mudou, se transformou, ela fazia faculdade de medicina.

Ela mostrou gênio forte, tendo atitudes que seus pais não aceitavam, e não compreendiam, dona de um temperamento totalmente independente.

A faculdade ajudou muito para amadurecer essa mulher escondida em sua meiguice angelical de adolescente.

Ideias estas que seus pais começaram a se preocupar com esse modo dela ver a vida moderna com suas diferenças sociais e culturais.

Ela defendia o amor sem fronteiras, um amor puro mais sem essa de discutir o sexo dos anjos, o amor sendo um sentimento humano que mantém as pessoas conectadas e comprometidas umas com as outras, não tendo barreiras, sexo, cor e podendo ser vivido em sua plenitude, inclusive o amor de pessoas do mesmo sexo.

E essa maneira de Vitória ver a vida deixava seis pais muito preocupados, dessa sua visão tão moderna e do amor entre pessoas do mesmo sexo.

Seus pais nasceram em outra época, eles passaram pela ditadura, e tinha uma visão da família tradicional, homem e mulher, outra fórmula de família seria uma complicação e essa história de amor livre, e mulher com mulher e homem com homem se apaixonarem era uma doença, ou desvio de comportamento, e conseguinte-

mente pensarem diferente dela.

Até que um dia ela falou para seus pais que ela estava gostando de uma menina de faculdade, o mundo deles caiu.

Fala Vitória em pleno café da manhã.

- Mãe e Pai, desejo falar com vocês agora.

- Diga, respondem eles.

E ela direto como uma flexa no coração deles

- Estou apaixonada por uma menina em minha faculdade.

Narcélio, já deu um pulo e falou

- Mais como vou ser avô agora?

Helena não ficou atrás.

- Até um dia desses você gostava de meninos?

Acabou o café, o dia, o tempo fechou.

Como Narcélio e Helena, nunca tiveram uma relação de cumplicidade e amor, pintou um grande motivo para uma briga.

- A culpa é sua, falou Narcélio para Helena, que sempre deu de tudo a ela.

Helena retrocou.

- Você e o culpado, por não ter pulso forte, faltou rédeas curtas, isso sim.

- Faltou um pai de verdade.

Vitória, saiu correndo e chorando, passou três dias fora de casa.

Mais uma coisa eles concordavam, sobre o namoro de Vitória, isso para eles era o fim do mundo, principalmente para Narcélio, por ter sido na sua adolescência se-

minarista.

Nesses três dias que Vitória passou fora de casa, só piorou a relação entre o casal, que já não era boa.

Trocaram várias acusações de ambas as partes, quando Helena fala para Narcélio.

- Chega, não aguento mais essa vida, não dar para nós dois vivermos na mesma casa, quero que você saia de minha vida e de minha casa.

Pois em todas as brigas, Helena fala que a casa era sempre dela, que na realidade era, pois quando eles foram morar juntos Helena já tinha essa casa.

Essa bomba aconteceu depois deles passarem os últimos anos em uma guerra pessoal, sem paz, a vida a dois estava cada vez se destruindo, eles não faziam mais sexo como antigamente, coisa que no passado era o ponto forte deles.

Ele concordou, dizendo que iria ir embora sim, mais como era tarde da noite, ou seja, madrugada, disse que no outro dia ele iria embora, sem problemas.

O casal passou a vida toda em um campo de batalha, em uma guerra de conflitos internos, e claro que no início tudo são flores, mais com o passar do tempo tudo foi se transformando, e naquele momento eles dois sentiram que tinham chegando ao fundo do poço.

Gostaria de lembrar que os dois quando brigavam e dormiam em quartos separados, eles simultaneamente tinham alguns sonhos, tipo filmes, eles sempre vivendo em uma época diferentes da deles, que viviam.

Visões como um filme em suas mentes, sempre de-

pois de uma briga vinha em suas mentes, navios, cheiro do vento do mar, carruagens, ouro e rainha, e Narcélio sempre se deparava com uma visão, ele tirando sujeiras do casco de navios, essa imagem era uma constante em sua mente.

Lembrando que esse casal, estava vivendo uma vida com problemas pessoais, uma vida com dificuldades, o casal com seus defeitos da contemporaneidade, até que um dia o casal começa a ter visões, até descobrir que se tratava de *déjàvu* – (*déjà-vu* é a sensação de já ter visto ou vivido uma situação que está acontecendo no presente.) A expressão francesa significa “já visto”. Não se sabe com exatidão o significado do *déjà-vu* ou como ele ocorre, porém ao longo dos anos diversas teorias, científicas e místicas, tentaram explicar o evento).

Voltando a noite da briga, em que chamei de virada de chave na vida deles.

Nessa noite depois da briga, eles tinham acertado que a melhor coisa seria a separação.

E tinham combinado que no outro dia eles se separariam, e assim cada um foi para seu lado, dormiram, só que alguma coisa aconteceu com eles ao mesmo tempo, simultaneamente, acordaram com seus semblantes completamente transtornados, pensativos, olhando um para o outro.

Sentaram na mesa da cozinha, ele fez café, ela trouxe as xícaras e ficaram por alguns minutos pensativos, sem falarem nada, um silêncio muito grande ocupava o local.

Eles não tinham nesse momento mais em seus cora-

ções raiva, ódio, e nem vontade de brigar, até que Helena chega para Narcélio e pergunta.

- Narcélio, o que houve da noite passada para essa manhã?

- Não sei, Helena, só sei que parece que fomos transportados para outra dimensão.

- Helena, fala, parece que passamos por um portal e vivenciamos uma outra vida, outro momento.

Eles passaram algumas horas falando sobre esses momentos que eles teriam vivenciado, uma experiência fora do corpo.

Gostaria de lembrar que estamos falando de um casal do século 20, (Século XX: ano 1901 ao ano 2000) casados a 25 anos, portanto já podemos falar de tais fatos, fenômenos naturais.

Quero lembrar que os fenômenos naturais e espirituais sempre existiram no mundo. Eles ocorrem o tempo todo, de forma natural, sem a interferência humana.

Nesse século muitos fenômenos aconteceram, aviões sumiram e depois apareceram, pessoas foram teletransportadas de um lugar para outro e tem cientistas que acreditam que se pode voltar ao passado, a hipótese da viagem no tempo se refere ao conceito de mover-se para trás e/ou para frente através de pontos diferentes no tempo em um modo análogo à mobilidade pelo espaço-tempo, a Viagem Temporal é o poder de viajar no tempo, seja para o passado ou para o futuro.

Seria impressionante se fosse possível em uma “máquina do tempo” como em “De Volta para o Futuro”. Mas

de acordo com a ciência, apesar de a viagem no tempo ser possível, ela não acontece da forma que imaginamos. Albert Einstein, há mais de 100 anos, escreveu a famosa Teoria da Relatividade.

O criador da Teoria da Relatividade referia-se ao fato de o tempo ser relativo, vinculando-o à velocidade. A noção entre os tempos, observada a sua variação, é uma ilusão na medida em que pessoas vivem tempos distintos, de modo que o que é passado para alguns poderia ser futuro para outros.

Voltando ao casal Narcélio e Helena.

Eles tinham passado por uma experiência de outra vida, como tivessem passado por um portal tridimensional.

Um portal na ficção científica e fantasia é uma magia ou tecnologia que cria uma passagem que conecta dois distantes locais separados pelo espaço-tempo. Ele geralmente consiste em duas ou mais passagens, com um objetivo de entrar através de um gateway deixando o outro instantaneamente.

Gateway é uma classe de dispositivos que atuam como intermediários de comunicação entre diferentes redes ou sistemas que envolvem protocolos, linguagens ou arquiteturas distintas. Essa classe incorpora modems, roteadores e firewalls capazes de garantir a interoperabilidade entre dispositivos.

Ficaram com um sentimento estranho de achar que tudo a volta deles não era real ou sem sentido.

Teriam visto toda vida deles em uma noite apenas, como teriam encontrado a solução para o casamento deles.

CAPITULO V

VIRADA DE CHAVE

O que houve do dia anterior para o outro?

Amanheceu, e tudo mudou.

houve um despertar espiritual entre o casal.

O casal não tinha mais vontade de brigar, só entender o que tinha acontecido.

Despertaram com uma confusão mental, com fala arrastada, com vontade de chorar inconsolável.

Desorientados no tempo e no espaço, respondendo lentamente os comandos da vida, fora do tempo, com perda de memória.

Como nós pessoas contemporâneas chamamos de virada de chave.

Que na realidade eles teriam passado por uma experiência chamada de Regressão.

Regressão de memória e regressão a vidas passadas

Quando se fala em regressão, ou terapia de vidas passadas, a ideia é levar a atenção do paciente a um nível mais profundo de sua mente. Assim ele poderá acessar fatos do passado e conseguir solucionar problemas, bloqueios e sofrimentos do presente.

A parapsicologia, a retrocognição, também conhecida como regressão de memória ou regressão a vidas pas-

sadas, é um suposto fenômeno parapsíquico espontâneo ou induzido no qual o indivíduo lembraria de lugares, fatos ou pessoas relativas a experiências passadas, sejam elas vidas ou períodos entre vidas.

Há pessoas, embora raras, que têm a capacidade sobrenatural da premonição e da retrocognição.

Em nossas vidas durante essa caminhada podemos ter sinais de que sua alma reencarnou muitas vezes, foi o que aconteceu com o casal Narcélio e Helena e a filha deles, geralmente pode acontecer alguns desses fatores, sonhos Recorrentes, Memórias fora do lugar, Intuições forte, Déjà vu, sensações de Empatia, (dores, raiva dos outros sem nunca ter visto essas pessoas antes).

Então o casal teria tido uma Regressão de vidas passadas, se foi aberto, tipo como uma licença nessa família, para eles pudessem ter ideia de seus passados, e presente, e o futuro só vai depender deles, pelo livre arbítrio que temos em nossas vidas.

Esse casal na realidade já estava na terceira reencarnação, e ainda não tinham conseguido entender que a vida é uma constante missão.

Como também pode ter acontecido uma regressão involuntária, nesse caso, o age regression, acontece quando alguém regressa a um estado mental do seu “eu” mais novo. isto pode acontecer conscientemente (regressão voluntária) ou vindo de algum gatilho que desperta essa regressão “sem controle” (regressão involuntária).

Na espiritualidade em geral, a regressão de vidas passadas é vista como uma ferramenta para o autoco-

nhecimento e a cura emocional. Acredita-se que a alma passa por múltiplas encarnações, e a regressão permite acessar memórias e experiências dessas vidas passadas, promovendo a compreensão e a evolução espiritual.

Em nossas vidas podemos ter sinais de que você teve vidas passadas, quando nós deparamos com medos e fobias, sonhos recorrentes, dores inexplicáveis, Intuição forte, sinais de ter passado por determinadas locais, ruas, ou pessoas que você já acha que teve com esta pessoa.

Como aqui já falamos em reencarnações, não posso deixar de me aprofundar mais um pouco sobre esse fenômeno da vida, e nem deixar de falar de Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espirita.

Allan Kardec foi o pseudônimo adotado pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, notável pedagogo, professor e tradutor, na hora de sistematizar as pesquisas — consideradas como científicas por ele — sobre os fenômenos paranormais e a mediunidade.

Segundo Allan Kardec, define reencarnação como “a volta da alma ou espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo”

Segundo os Espíritos, quando retornamos à matéria para uma nova oportunidade reencarnatória, solicitamos do mundo maior o esquecimento das vidas passadas, que podemos chamar de véu do esquecimento, com o objetivo de superar as dificuldades que nos levaram a cometer imprudências, para não reincidir nos mesmos erros.

A reencarnação, é na realidade oportunidade de recomeçar nova vida, não recuperar o tempo perdido mais sim recomeçar, ter um novo recomeço, um novo capítulo com seus mesmos personagens, com novas oportunidades.

Um espírito pode reencarnar quantas vezes necessitar para o seu desenvolvimento, sem perder sua individualidade, mudando apenas de personalidade.

A reencarnação significa a volta do Espírito para viver num novo corpo material, tendo outras oportunidades de progresso e crescimento, onde com suas próprias forças constrói sua evolução é, incontestavelmente, a expressão do amor, sabedoria e justiça de Deus, que permite aos seus filhos andarem com suas próprias pernas, desejos e paixões.

O processo de reencarnação nunca acontece sem um objetivo ou motivo, pois os seres podem estar em missão, provação ou expiação.

CAPITULO VI

NAQUELA MANHÃ

Voltando ao casal Narcélio e Helena e a sua filha, Vitória.

Nessa manhã, eles acordaram sem entender o que houve, pois as mesmas imagens que o Narcélio tinha visto em sua mente, a Helena, também teria visto, sentido e vivenciado, era como se fosse um sonho vindo para os dois simultaneamente, ele contava uma parte e ela completava, eles estavam em estado de Êxtase mental.

Assim passaram a manhã toda, um falava uma parte e ela outra.

E afinal o que eles tinham vivenciado? o que houve de uma noite cheia de conflitos para o outro dia?

Vamos relatar o que aconteceu entre eles.

O casal vivia tendo visões fortes e bem nítidas, vendo e vivendo situações reais.

Até que tudo veio como se fosse uma tela de cinema, fatos reais como se tivessem lá, vivenciando todos os fatos.

Acordaram olhando um para o outro sem entenderem o que tinha acontecido, os dois teria tido uma experiência fora do corpo e ido para outro mundo, como se fosse um mundo paralelo, ou em outra dimensão.

Um falava e o outro completava a aventura, e notaram que tinham vivenciados juntos a mesma situação, as mesmas histórias.

O casal teria sido no passado, dois piratas de navios ingleses, com colaboração da rainha Elizabeth I da Inglaterra, (1533-1603).

Nesse romance as aventuras desses piratas, com apoio da rainha, conseguem não só roubar navios e suas cargas para a rainha, como invadir e saquear cidades costeiras, inclusive na América do sul, e do Norte.

E em uma determinada ilha do caribe eles conseguem roubar ouro dos nativos e tem contato que segundo eles com uma nativa mais linda que eles já tinham vistos até aquele momento, levam ouro, especiarias e nativos como escravos para a Inglaterra.

A especiaria, ou espécie, é um termo genérico, usado a partir dos séculos XIV e XV na Europa Ocidental, que designava diversos produtos de origem vegetal, com aroma ou sabor acentuados, devido a presença de óleos essenciais, sendo usados na culinária e na farmácia.

Na busca por ouro, pedras preciosas e escravos, encontram uma nativa que uns dos comandantes se apaixonou por ela, esse comandante foi Francis Drake.

O comandante Dreik fica com a nativa, como se fosse sua escrava, mais a nativa já estava apaixonada por seu amigo, esse sentimento deixa o comandante muito chateado com essa situação, ele tenta estuprá-la, e ela fala que ele poderia ter sua carne, mais seu coração e sua alma jamais, pois pertencia ao outro comandante, com

essa fala da nativa ele resolve tê-la de qualquer forma, mais o seu amigo pirata era um empecilho, e resolve fazer uma emboscada contra a vida dele, pois acreditava que ele vivo seria um grande problema para ele.

Só assim que o casal descobre que eles como sua filha estão reencarnados sendo sua esposa, Helena, (Francis Drake), Narcélio, o pirata morto (John

Hawkins) e a filha deles a nativa (Vitória), pois o campo espiritual teria achado uma maneira de todos virem e ter nova oportunidade de se perdoarem e poder amar a mesma mulher, no caso a filha deles.

Em tempo atual, aparece todos os três vivos, reencarnados na mesma família, o casal com conflitos muito fortes, brigas constantes e a filha deles com problemas de temperamentos e usando bebidas, drogas e sendo bissexual, e descobrem que só o amor entre eles seria a saída de tudo.

Os três viajantes do tempo passam por um processo de REENCARNAÇÃO COMPULSÓRIA, se apresenta como um meio de ajuste e aprendizado, já que eles três teriam negligenciado outras oportunidades de reencarnar, o campo espiritual resolver tomar essa atitude.

Existe uma classificação de 4 tipos de reencarnação, que são:

1 - Compulsória

Quando não queremos reencarnar, mas mesmo assim voltamos ao mundo da carne.

Isso ocorre quando a reencarnação é uma imposição, não existe a escolha.

E os espíritos podem não querer reencarnar por não desejarem sofrer e passar por situações adversas.

É um recurso de correção e aprendizado para espíritos que precisam de uma intervenção direta para evoluir

É uma consequência das escolhas passadas do espírito

2 - Acidental

Quando duas pessoas fazem sexo, mas não existe a programação do plano espiritual para a encarnação de um espírito, um espírito que estiver muito próximo, como um obsessor por exemplo, quando o espermatozoide vai fecundar, o que acontece é que essa alma que está muito próxima, fica zozona e faz a ligação do óvulo com o espermatozoide, acontecendo a gravidez.

Para isso acontecer, o Espírito tem que estar em uma sintonia muito igual à do encarnado que estiver com ele.

3 - Proposta

É quando um espírito decide encarnar, então acontecem reuniões com almas de extrema evolução para decidirem os acontecimentos da vida. Segundo o Espiritismo, nessas reuniões existem computadores muito avançados com essas reuniões, que evitam que aconteçam erros na programação reencarnatória.

4 - Livre

É quando o espírito é muito elevado e tem livre escolha de reencarnar ou não.

É o caso dos iluminados.

Mas é importante que se diga que muitos iluminados podem passar por reencarnação compulsória também.

Os iluminados podem encarnar para ajudar poucas pessoas ou muitas, eles são humildes e não buscam a grandiosidade, é como no Livro Nosso Lar, que uma iluminada encarna para ajudar uma pessoa.

E essas reencarnações podem ser de três maneiras, que envolvem: missão, prova e expiação.

Nossos três viajantes do tempo já estavam em sua terceira reencarnação e não teriam sido muito felizes, ou seja, não tinham ainda resolvido seus problemas existenciais, até que nessa nova oportunidade eles vieram tendo uma grande ajuda do campo espiritual, e vão se ajustando e trabalhando juntos por seus progressos espirituais e em conjunto com a espiritualidade maior e com seus

anjos da guarda que cada pessoa tem um espírito protetor que a guia para o bem, conseguem tratamento de terapeutas.

O conceito de reencarnação está presente em diversas religiões, como o hinduísmo, o budismo, o jainismo e o espiritismo.

Existem três tipos de reencarnação.

Missão - Nessa situação, o espírito reencarna e pode aplicar alguns conhecimentos internalizados na consciência.

As missões dos Espíritos têm sempre por objetivo o bem. Estando encarnados ou desencarnados, são eles incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, e de velar pela execução de determinadas coisas.

Prova - Já na provação, é como se aquele espírito fosse “desafiado” a chegar no limite do próprio conhecimento, em nosso dia a dia, que seria nossas dificuldades do cotidiano.

Nossos obstáculos e testes que impulsionam o Espírito para outro estágio de evolução, como os testes do colégio, que aferem o estado de assimilação do conteúdo pelo aluno.

São situações desafiadoras escolhidas pelo próprio Espírito ou pelos benfeitores espirituais, e esses testes que avaliam o progresso do Espírito.

Podem ser as dificuldades que fortalecem a fé e ajudam no crescimento espiritual e oportunidades de aquisição de experiência

Expição – Por último, mas não menos importante, chegamos à expiação. Nesse caso, trata-se da consequência de um conhecimento já aplicado. Em geral, tende a ser algo que tenha provocado efeitos dolorosos e difíceis de lidar. Logo, o responsável por isso deve enfrentar as repercussões desagradáveis, em busca de redenção.

Seria uma doença grave, sem cura, que somos obrigados passar por essa situação a vida toda, um exemplo.

IREMOS BUSCAR MAIS DETALHES SOBRE EXPIAÇÃO

Em um mundo de provas e expiações, evoluindo para um mundo de regeneração, a Terra acolhe inúmeras almas que necessitam da experiência material para evoluir.

No espiritismo, o mundo de provas e expiações é a condição atual da Terra, onde os desafios e as correções de erros passados são fundamentais para a evolução espiritual.

São resultados de faltas que foram cometidas pelo Espírito em vidas anteriores

São o castigo imposto pelo erro praticado

São experiências equivalentes a que infligiu a outrem no passado

São como sofrer o que fez outro sofrer

Evolução espiritual

A vida na Terra, caracterizada por provas e expiações, tem como objetivo o aprimoramento do Espírito

A Terra sairá do estágio de expiação e provas e passará para a condição de mundo de regeneração

O planeta terá uma nova cara entre 2057 e 2060, após a transição que está acontecendo.

CAPITULO VII

REENCARNAÇÃO

Os espíritas acreditam na reencarnação como uma consequência necessária da lei de progresso. É através dela que o espírito repara seus erros e evolui, sendo, portanto, um processo de aprendizagem.

Pois segundo Chico Xavier, falava sobre reencarnação, que muitas vezes, os inimigos do passado hoje são nossos filhos, irmãos, pais e amigos, que, presentemente, se encontram junto de nós para a reconciliação. Por isso a reencarnação é uma bênção de Deus para seus filhos.

Quando Reencarnamos podemos voltar na mesma família, e muitas vezes, até, seguirmos juntos na mesma encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que estão livres velam pelos que se acham em cativeiro.

De acordo com o espiritismo, os filhos escolhem os pais com base em afinidades espirituais. Isso significa que há uma conexão prévia entre os espíritos, uma relação de amor e aprendizado que os une. Essas afinidades podem ser construídas em vidas passadas ou mesmo no

plano espiritual.

A Doutrina Espírita esclarece para nós sobre a importante função educadora e regeneradora da família, diante do processo da edificação moral do ser humano. Percebemos então que a família pode contribuir de maneira abrangente dentro da proposta de educação da humanidade, do homem como Ser Espiritual, apontando o lar e tudo o que este poderá oferecer para a formação desse Homem de Bem, amanhã.

Joanna de Ângelis nos diz no livro “S.O.S. Família”, que “é grupo de espíritos normalmente necessitados, desajustados, em compromisso inadiável para a reparação, graças à contingência reencarnatória.”

Quando no plano espiritual, despertados para o alcance de nossos erros, das nossas mazelas morais, conscientes dos nossos compromissos que assumimos com os outros e que, na maioria das vezes, falimos, solicitamos aos instrutores espirituais um novo retorno à vida física, carregando as provas necessárias para o nosso ressarcimento, reencontrando assim as almas simpáticas, as almas adversárias que farão parte do mecanismo de aprendizado e abraçando a responsabilidade perante os nossos tutores espirituais, que zelam pelo nosso progresso.

Assim, nos reunimos em família, no mesmo ambiente, através dos Laços de Família favorecidos pela Reencarnação.

Os filhos podem escolher os pais antes de reencarnar, segundo o Espiritismo, os Espíritos amigos, juntamente com aquele que vai reencarnar, escolhem quem

serão os futuros pais. Feito isso, ocorre uma reunião na qual os futuros pais comparecem enquanto seus corpos físicos estão adormecidos.

Na Bíblia temos relatos sobre reencarnação, O profeta Elias e a sua reencarnação em João Batista a propósito de MT 17,10-13. “Quando a morte chega, morre a totalidade da pessoa, seu corpo e sua alma. No entanto, nesse momento, Deus, doador da vida e vencedor da morte, ressuscita ambos em um corpo glorioso e na individualidade de cada ser, sua alma.

O que Jesus fala da reencarnação?

Diz-nos, em outros termos, que o primeiro não pode possuir os atributos do segundo (João 3,6). Em João 3,8 Jesus diz-nos, em uma linguagem figurada, que o espírito reencarna onde quer, e não sabe de onde veio (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima).

Aqui Jesus nos tenta ensinar que todas as pessoas precisam nascer de novo para entrar no reino de Deus, Posteriormente, João Batista explicou o caminho para Jesus Cristo.

(1 Coríntios 15: 44) - “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual.”. O que é semeado em fraqueza é o corpo que se decompõe na terra. E o corpo espiritual é o espírito que ressuscita em poder, por ser imortal e, pois, incorruptível.

João 3 5 - 5 Jesus respondeu: Na verdade, na verdade

te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus, 6 O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. 7 Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.

Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar (Jo 14:2). Por força da lei do progresso, à medida que o Espírito completa seu aprendizado num mundo, passa a habitar outro, e assim sucessivamente, evoluindo sem cessar.

CAPITULO VIII

PROCESSO REENCARNATÓRIO

Como os três viajantes do tempo não queriam reencarnasse, o campo espiritual que são seus guias e mentores espirituais tomaram a decisão para sua próxima encarnação, sem dar-lhes o direito de escolha, dando-lhes uma nova oportunidade de vida na Terra.

Os espíritos encontram-se em distintos graus evolutivos.

Portanto, nem todos contam com conhecimentos e esclarecimentos suficientes para planejar e cumprir as determinações de seu planejamento reencarnatório, no entanto, todos têm o direito a uma nova chance.

Ou seja, é o processo no qual o espírito recebe um novo corpo físico para prosseguir o caminho de sua transformação moral e espiritual.

Ademais, esta nova oportunidade tem o intuito de fazer com que a criatura possa depurar todo o mal causado em suas encarnações pregressas e desenvolva suas nobres potencialidades no convívio com as demais pessoas.

Assim sendo, o objetivo da reencarnação, segundo o Espiritismo, é servir como mecanismo divino para a

evolução espiritual.

Já falamos que eles negligenciaram suas vindas ao planeta, ou seja, tiveram outras oportunidades, mas não deram valor, por isso vamos falar como aconteceu suas reencarnações, o campo espiritual lhes propusera a uma Reencarnação Compulsória.

Reencarnação Compulsória:

É aquela que acolhe o Espírito sem prévia concordância dele e até mesmo sem o seu conhecimento. É por sua índole, própria dos Espíritos cujo grau de perturbação impede análise clara da situação, ou cujas faltas são tão graves que anulam a liberdade de escolha. É uma imposição feita pela Lei Divina para atender aos casos cuja recuperação exige longas expiações.

A reencarnação compulsória acontece sem a prévia concordância do espírito.

Esse tipo de reencarnação é direcionado às almas que ainda estão muito apegadas à matéria e encontram-se em baixo grau de evolução espiritual.

Consequentemente, são seres que colecionam muitos vícios, rancores, obsessões e vibração moral negativa.

Dessa forma, são seus guias e mentores espirituais que tomam as decisões para sua próxima encarnação, sem dar-lhes o direito de escolha. Seus abusos tolheram-lhe este direito que poderá ser readquirido caso cumpra bem sua nova oportunidade de vida na Terra.

Aquele que vivencia a reencarnação compulsória, recebe as condições necessárias para seu progresso.

Nestes casos, o Espírito necessita de uma reencarnação que lhe proporcione as experiências necessárias para o resgate de suas faltas e a continuação de seu progresso espiritual. Ele é então submetido a uma reencarnação compulsória, independentemente de sua vontade, e por vezes até mesmo sem o seu conhecimento.

Portanto, não é um castigo, mas uma expressão do amor divino, proporcionando ao Espírito oportunidades de redenção e crescimento. Esse mecanismo está intrinsecamente ligado à lei de causa e efeito, que assegura que todas as ações têm suas consequências correspondentes.

Entretanto, também ocorrem situações quando o Espírito, devido às suas ações e à sua condição moral, está temporariamente incapacitado de exercer plenamente o seu livre-arbítrio.

Nestes casos, o Espírito necessita de uma reencarnação que lhe proporcione as experiências necessárias para o resgate de suas faltas e a continuação de seu progresso espiritual.

Ele é então submetido a uma reencarnação compulsória, independentemente de sua vontade, e por vezes até mesmo sem o seu conhecimento.

A reencarnação compulsória, portanto, não é um castigo, mas uma expressão do amor divino, proporcionando ao Espírito oportunidades de redenção e crescimento.

Esse mecanismo está intrinsecamente ligado à lei de

causa e efeito, que assegura que todas as ações têm suas consequências correspondentes.

Assim, a reencarnação compulsória se apresenta como um meio de ajuste e aprendizado.

O Espírito, encaminhado a uma nova existência terrena, precisa enfrentar desafios e superar limitações, acumulando experiências que serão fundamentais para o seu progresso e a sua evolução.

Foi isso que aconteceu com o casal, pela gravidade da situação, pois os dois comandantes eram amigos e um matou o outro e envolvendo uma paixão, e agora seus mentores espirituais para promover o máximo de aprendizado e desenvolvimento, coloca os três na seguinte situação, os dois comandantes como marido e mulher, e a nativa como filha, para que eles possam amar a mesma mulher, sem raiva, ódio, rancor.

Em uma relação à dois é uma prova difícil, pois é nele que duas pessoas, muitas vezes antagônicas, vivem juntas na tentativa de aplainar problemas de relacionamento e outros oriundos do passado de ambas. Qual seria o método empregado para levar essas pessoas a se unir? O esquema é o seguinte: quando ainda aguardam a oportunidade de renascer, no plano espiritual, elas conhecem o seu passado. É sugerido a elas, então, que, para sanarem problemas desse passado, seria conveniente tentarem viver juntas. Assim se conheceriam melhor.

Segundo o espiritismo, “Há em tudo e em todos os seres a presença do Amor, em um lugar revela-se como ordem, noutra beleza, e, sucessivamente, harmonia, re-

novação. progresso, vida, convocando à reflexão. O Amor é o antídoto mais eficaz contra quaisquer males.”

Chico Xavier fala sobre a união entre duas pessoas, sem espírito de tolerância, casamento algum vai adiante. “O casal que descobre entre si certas diferenças não deve se assustar. É natural que seja assim. Muitos casamentos se desfazem por causa do egoísmo dos cônjuges, que não se dispõem a um mínimo de sacrifício e renúncia.

Cada nova vida é uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Os filhos escolhem os pais de acordo com as lições que precisam aprender e as experiências que precisam vivenciar. Essa escolha é feita com base em um planejamento prévio, realizado no plano espiritual, com o auxílio de mentores espirituais.

Os nossos grandes desafetos, então, são espíritos com quem nós já convivemos no passado, em outras existências.

Segundo Adenauar Novaes, Reencarna-se para aprender, educar-se, crescer a partir de novas aprendizagens, de uma nova oportunidade, num novo ambiente, onde se possa construir ou reconstruir uma nova elevação espiritual”

REENCARNAÇÃO NÃO É PUNIÇÃO, É OPORTUNIDADE. Deus não pune ninguém. O ser volta para aprender aquilo que não aprendeu. A reencarnação é o sistema usado no processo de evolução da humanidade. É um novo começo, onde recebemos um corpo novo, um cérebro novo. Reencarnar significa a volta do Espírito a vida biológica, mas num outro corpo. Nova encarnação, nova

vida, novas possibilidades. A evolução continua, mas tudo depende do seu esforço, determinação, persistência e a prática dos valores humanos.

Na visão espírita Reencarnar é tornar à vida física, renascer em outro corpo. Essa é a ideia central de diversas doutrinas religiosas, principalmente as orientais. No ocidente, a teoria da reencarnação é amplamente divulgada pelo Espiritismo. Para compreender a pluralidade das existências é necessário crer na imortalidade da alma.

Segundo a Doutrina Espírita, a pluralidade das existências é a prova da misericórdia divina. Somente através da reencarnação temos a oportunidade de progredir moralmente, corrigindo nossas imperfeições e aperfeiçoando nossas qualidades. A reencarnação constitui, pois, uma Lei natural.

Jesus e a reencarnação

Muito se debate sobre os ensinamentos de Jesus. Cada religião enfatiza aquilo que melhor lhe convém, utilizando os registros bíblicos para fundamentar suas crenças. Partindo desse pressuposto, podemos citar algumas passagens bíblicas que podem ser relacionadas à doutrina da reencarnação.

Analisemos um trecho bíblico que referência o diálogo entre o Nazareno e um doutor da lei judaica, Nicodemos: “Em verdade, em verdade vos digo que ninguém

pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Perguntou-lhe, então, Nicodemos: Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez? Jesus respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que aquele que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo aquele que é nascido do espírito”. (João, capítulo III, vv. 1 a 12.)

Nesse trecho, Jesus demonstra que é preciso nascer novamente para adentrar o reino de Deus, ou seja, para se chegar à perfeição. Este é o princípio da pluralidade das existências.

Outro segmento bíblico que nos fornece subsídios para confirmar a hipótese de que Jesus falava sobre reencarnação diz respeito à sua explicação aos apóstolos com relação a Elias e João Batista: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas; mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem. Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara”. (Mateus, cap. XVII, vv. 10 a 13 e Marcos, cap. IX, vv. 11 a 13.)

Ora, aqui nos parece muito clara a ideia da transmigração da alma. Se João Batista era Elias, este fato só pode ser explicado pela reencarnação, pois João Batista

e Elias foram duas pessoas distintas, com corpos físicos diferentes. Se a crença da doutrina da reencarnação fosse contrária aos ensinamentos de Jesus, certamente ele a teria combatido, como fez com tantas outras crenças conservadoras.

Alguns estudiosos defendem que a teoria da reencarnação era aceita entre os cristãos primitivos. De fato, teólogos famosos e doutores da igreja como Orígenes, São Clemente, São Jerônimo e até mesmo Santo Agostinho explicitaram suas opiniões em favor da pluralidade das existências:

“Toda alma vem para este mundo fortalecida pelas vitórias ou enfraquecida pelas derrotas da sua vida anterior. Seu lugar neste mundo é determinado pelos seus méritos ou deméritos anteriores. Seu trabalho neste mundo determina o seu lugar no mundo que se seguirá após este.” (De Principiis e Contra Celsum - Orígenes)

“Não terei eu vivido em outro corpo, em alguma outra parte, antes de entrar no útero de minha mãe?” (Confissões - Santo Agostinho)

A proposta das vidas sucessivas teria resistido até o ano 553, quando o imperador Justiniano convocou o 2º Concílio de Constantinopla para combater as ideias de Orígenes, que eram adotadas pela Igreja.

Por que Justiniano interveio em uma questão religiosa?

Foi no Concílio Ecumênico de Constantinopla (553) que a reencarnação foi retirada do cristianismo pelo imperador Justiniano e sua esposa Teodora.

Acredita-se que sua esposa, a imperatriz Teodora, antes de se casar, teria sido uma prostituta, e abdicado da prostituição após seu casamento com o famoso Imperador Justiniano, escravocrata desumana e muito preconceituosa, temia retornar ao mundo, na pele de uma escrava negra e, por isso, desencadeou uma forte pressão sobre o papa da época, Virgílio, que subira ao poder através da criminosa intervenção do general Belisário, para quem os desejos de Teodora eram lei. Para que este fato não comprometesse sua reputação, Teodora determinou o assassinato de todas as prostitutas da região, aproximadamente quinhentas. Esse fato causou muita revolta nos cristãos que eram reencarnacionistas; eles a acusaram de criminosa. Muitos passaram a comentar que Teodora teria de retornar à vida quinhentas vezes para pagar pelos crimes cometidos. A imperatriz, por sua vez, passou a odiar a doutrina da reencarnação e, por isso, solicitou ao marido que tomasse uma atitude com relação ao fato. O imperador, que havia iniciado uma perseguição a Orígenes desde o ano de 543, organizou o concílio e ordenou de forma autoritária que qualquer ideia relacionada à reencarnação fosse banida do Cristianismo.

A realização desse concílio não contou com a presença de todos os bispos. Os representantes de Roma e a grande maioria do bispado ocidental não participaram da assembleia. Desse modo, Justiniano conseguiu facil-

mente a aprovação de seus interesses. Os participantes do concílio resolveram, portanto, substituir a crença na reencarnação pela crença na ressurreição. A decisão final do 2º Concílio de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, que diz respeito ao assunto é a seguinte: “Quem sustentar a mítica crença na preexistência da alma e a opinião, conseqüentemente estranha, de sua volta, seja anátema”.

Esta decisão reflete até hoje na doutrina cristã. O governo de Justiniano mudou o rumo do Cristianismo de forma significativa. A Igreja de Roma alterou o discurso e acabou por influenciar as doutrinas protestantes.

Por esse motivo, a espiritualidade maior trabalha para fortalecer o Espiritismo, que surge com a proposta de resgatar o Cristianismo primitivo.

Na sequência da onda de perseguição aos cristãos, ordenada por Décio, Orígenes foi preso e torturado, o que lhe causou a morte, por volta de 253. Os seus ensinamentos foram condenados ainda pelo Concílio de Alexandria de 400 e pelo Segundo Concílio de Constantinopla, em 533, o que demonstra terem perdurado.

Orígenes na Bíblia, Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.) figura na antiguidade cristã como um eminente estudioso da Sagrada Escritura, como se verifica em seus numerosos comentários e homilias ao texto sagrado. ao século VI.

Orígenes foi um dos escritores mais eruditos e prolíficos da Igreja Primitiva, figura na antiguidade cristã como um eminente estudioso da Sagrada Escritura.

Orígenes, como cristão que defendia a unidade e a bondade de Deus, teria assim que explicar a origem das disparidades, portanto do bem e do mal, sem atribuir o segundo a sua Divindade, já que era a origem de tudo e o bem por excelência.

Orígenes era também da África, No Egito, de Alexandria. Ele teve mais presente a Sagrada Escritura sendo também um Educador em Alexandria, levou as pessoas ao conhecimento da Palavra de Deus, a parte social e a eucaristia.

Ressurreição ou anastase - conceito de voltar à vida após a morte, em várias religiões um deus de vida, morte e ressurreição é uma divindade que morre e ressuscita. A ressurreição dos mortos é uma crença escatológica padrão nas religiões abraâmicas.

A reencarnação - Os espíritas acreditam na reencarnação como uma consequência necessária da lei de progresso. É através dela que o espírito repara seus erros e evolui, sendo, portanto, um processo de aprendizagem.

Allan Kardec em O Evangelho Segundo o Espiritismo define reencarnação como “a volta da alma ou espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo”

A reencarnação aos olhos da ciência

Existem diversas pesquisas científicas sobre reen-

carnação em todo o mundo, inclusive no Brasil. Um dos maiores e mais complexos estudos realizados até agora fora sediado na Universidade de Virgínia nos Estados Unidos. Um grupo de pesquisadores, inicialmente liderado pelo psiquiatra Ian Stevenson, que morreu em 2007, estuda há décadas os casos em que pessoas dizem recordar suas vidas pregressas. Dr. Stevenson passou 37 anos registrando e analisando testemunhos de crianças que alegavam ter lembranças nítidas de outras vidas. Alguns registros, de fato, impressionam.

Crianças que desde muito cedo despertam talentos inatos para diversos campos do conhecimento são consideradas um mistério aos olhos da ciência. Pequenos gênios como Mozart, que compôs sua primeira canção aos 5 anos de idade, e tantos outros exemplos de miúdos com conhecimento incomum, ainda permanecem inexplicáveis.

Não seria mais justo admitir que exista um conhecimento anterior que possa justificar esses talentos? Como crianças que nem foram alfabetizadas desenvolvem complexas habilidades em diferentes áreas, lembrando-se de situações alheias à presente existência?

Foram essas observações que instigaram as pesquisas de Dr. Stevenson, as quais resultaram na publicação de materiais científicos e alguns livros sobre o tema. Parte da comunidade científica, entretanto, não vê com bons olhos a possibilidade da comprovação científica da reencarnação. A justificativa é que os estudos sobre o tema são geralmente baseados em evidências narradas, rela-

tos de pessoas e comparações. A dificuldade em levantar provas concretas é muito grande, pois comumente existem intervalos consideráveis entre uma reencarnação e outra. Não existiria, segundo tal ideia, nada “palpável”.

Outro problema encontrado e citado muitas vezes pelo Dr. Stevenson é que seus colegas cientistas acreditam nas teorias materialistas como verdades absolutas e não estão abertos a novas possibilidades de estudo. “Se ainda existisse tribunal de inquisição, certamente os cientistas que se dedicam a esse tipo de pesquisa, seriam queimados na fogueira por heresia.” (Ian Stevenson)

É importante lembrar que Galileu também foi rechaçado por sustentar a ideia de Copérnico de que os corpos celestes giravam em torno do sol. O mesmo acontece hoje com tantos outros assuntos; a reencarnação é apenas um deles. A diferença é que hoje ninguém está condenado à morte por defender suas opiniões, como na época de Galileu.

Apesar de todas as dificuldades, Dr. Stevenson conseguiu despertar o interesse de boa parte dos cientistas para o assunto. As pesquisas prosseguem e a cada dia crescem as expectativas para a comprovação científica da pluralidade das existências, apesar de que, para alguns, as evidências são irrefutáveis.

Referências

A Reencarnação no Evangelho - Hugo Alvarenga Novaes

Cristianismo e Espiritismo - Léon Denis

O Evangelho segundo O Espiritismo - Allan Kardec

O Livro dos Espíritos - Allan Kardec

Twenty Cases Suggestive of Reincarnation - American Society For Psychical Research. Versão Em Português, da Editora Difusora Cultural.

CAPITULO IX

ENTRADA NA ILHA

No início desse romance já falamos da Inglaterra, sua rainha Elisabeth I e a parceria que ela tinha com os Piratas, para poder ficar mais rica, e poder enfraquecer a frota marítima da Espanha.

Em uma manhã fria, nebulosa, os navios piratas entram em uma das ilhas do Caribe, O Caribe é uma região situada no continente americano que é banhada pelo Mar do Caribe, formando um golfo ao sul da ilha de Cuba. É delimitado a

oeste por uma parte da costa do México e pela costa de países da América Central.

O Caribe é uma região composta por várias ilhas – algumas pequenas, outras bem grandes – e está localizado na América Central. O que confunde mesmo é que algumas dessas ilhas são países, outras são estados ou territórios.

“Origem do nome Caribe” e “caraíbas” originaram-se do termo taino caribe (audaz, valente). São uma referência às tribos de línguas caribes que habitavam (e, em alguns casos, ainda habitam) as Pequenas Antilhas, as Guianas e parte do litoral da América Central.

O termo associado a esse mar “caraíbas” ou “caribe”

está relacionado com os índios que habitavam a região antes da colonização europeia.

A exploração da paisagem do Caribe que remonta aos conquistadores espanhóis a cerca de 1600 que procuravam minas de ouro nas ilhas para levá-los para a Espanha. O desenvolvimento mais significativo foi quando Cristóvão Colombo escreveu à Espanha dizendo que as ilhas eram ótimas para a exploração do açúcar.

Como você pode notar que a região do caribe, tinha dois motivos da rainha, e seus parceiros os piratas em ocupar aquelas ilhas, os espanhóis, seu pior inimigo e ouro.

Uma pequena particularidade acerca de Francis Drake e John Hawkins.

Com 10 anos, Francis já estava navegando no Tâmesa num pequeno barco e em 1563 fez sua primeira viagem marítima propriamente dita. Três anos depois, juntou-se a seu primo John Hawkins numa viagem comercial à África Ocidental, adquiriu escravos e atravessou o Atlântico para o Novo Mundo.

E nessa manhã fria, nebulosa, manhã de Verão, há uma vaga brisa, os navios piratas entram em uma das ilhas do Caribe, no momento dessa invasão na ilha, existiam três grandes povos indígenas ameríndios viviam nas ilhas: os Tainos nas Grandes Antilhas, nas Bahamas e nas ilhas Sotavento, os Caraíbas e os galibis nas ilhas de Barlavento e os Ciboneys no oeste de Cuba.

Na ocasião os piratas estavam entrando por uma dessas ilhas, os dois piratas, Francis Drake e John Hawkins,

em seus navios que era composta por cinco navios, o Pelicano, o próprio navio de Drake, rebatizado de Golden Hind, comandado por John Winter, mais três navios menores, o Marigold, o Swan e o Benedict.

Os piratas tinham informações que os espanhóis andavam nesses territórios na América Central e América do Sul, e que algumas ilhas no caribe tinham ouro, que outras potências europeias, e a Inglaterra, Países Baixos e a França, esperavam estabelecer as suas próprias colônias rendáveis. Rivalidades coloniais fizeram do Caribe um lugar para guerras europeias ao longo dos séculos.

Durante a primeira viagem do explorador Cristóvão Colombo (enviado pela coroa espanhola para conquistar) foi feito contato com os Lucayanos nas Bahamas e Tainos em Cuba e na costa norte de Hispaniola, e muitos índios foram trazidos de volta à Espanha. Pequenas quantidades de ouro foram encontradas em adornos pessoais e outros objetos, tais como máscaras e cintos. Os espanhóis, que vinham procurando riqueza, escravizaram a população nativa e rapidamente levou-a quase a extinção.

Porque os piratas roubavam, saqueavam e escravizavam os nativos, eles navegavam nas rotas comerciais com o objetivo de apoderarem-se das riquezas alheias, que pertencessem a mercadores, navios do estado ou povoações e mesmo cidades costeiras, capturando tudo o que tivesse valor (desde metais e pedras preciosas a bens).

Os piratas tinham como objetivo apoderar-se das riquezas alheias, pertencentes a mercadores, navios do estado e mesmo cidades costeiras, capturando tudo o que

tivesse valor e fazendo reféns para extorquir resgates.

Era costume deles gastar seu dinheiro de muitas maneiras. Alguns eram bastante luxuosos e gostavam de gastar em roupas caras, joias e bebidas. Eles também gostavam de frequentar tavernas e locais de diversão, onde podiam se divertir e celebrar suas vitórias.

ESSE ERA A BANDEIRA DOS PIRATAS



Jolly Roger

Jolly Roger é nome dado às típicas bandeiras piratas, mais concretamente à típica bandeira cujo fundo é preto e tem uma caveira branca com dois ossos cruzados. Também é usado como nome do barco do pirata “Capitão Gancho” nas histórias de ficção.

CAPITULO X

A NATIVA

Tudo acontece em uma manhã fria e nublada, desembarcam e dão seus primeiros passos pela areia da praia, não encontram nenhum obstáculo e logo os nativos são pegos de surpresa e dominados, suas riquezas minerais foram subtraídas e além de pegar as riquezas que podiam levar, levaram alguns escravos.

Alguns nativos conseguiram fugir, mas logo foram capturados, trazidos até os comandantes das embarcações que no caso seria o Francis Drake e John Hawkins, tendo como capitão de todos os homens, o Francis Drake.

No momento da invasão, todos os nativos foram totalmente dominados, e capturados, a tripulação saiu em busca dos nativos que fugiram para a selva, até que um grupo capturou uma jovem mulher, era a princesa chamada Sikán, nome da nativa que nessa manhã foi ao Rio Oddán, para tomar seu banho matinal ela era filha do chefe da tribo, estava só e foi capturada pelos piratas e levada até seus comandantes, Francis Drake, ficou impressionado com sua beleza teria chamado muito sua atenção, linda, uma beleza selvagem que ele nunca, jamais teria visto uma mulher tão bela em todo o tempo de dominação e domínio nessas lutas na pirataria.

Comandante Francis Drake, homem acostumado a ter qualquer mulher nos portos, nesse momento teria ficado sem ação, totalmente dominado por essa jovem.

Seus cabelos pretos e cacheados, com um pano amarrado na cabeça, olhos pequenos e expressivos, com nariz afilado, a boca com seus lábios carnudos e sensuais, corpo ondulado, bem feita, ele não tinha visto uma mulher tão bonita assim em sua vida, enfim como ele mesmo pensou, uma beleza selvagem.

Linda morena de olhos marcantes, seu charme e beleza muito impactantes, seu rosto lindo e sorriso encantador, bela morena que encantou o capitão Francis Drake. No profundo olhar da morena havia mistérios sem par. Quando olhou dentro de seus olhos, tinha a certeza que jamais a esqueceria.

Os traços fortes e marcantes dela trazia um ar de mistério e sedução, que o fez, inspirar e ficar fascinado.

Impossível não se encantar.

Sua pele escura é um presente divino, uma obra de arte da natureza que encantou os olhos e aqueceu o coração do velho lobo do mar, uma dádiva que exalava elegância, uma postura de princesa.

A beleza dela era iluminada é como um raio de sol em um dia chuvoso. Ela brilhava intensamente, deixando um rastro de admiração e fascínio por onde passava.

Como era maravilhoso poder contemplar a beleza iluminada daquela Nativa.

Uma beleza totalmente selvagem, a nativa havia tentado se soltar das amarras várias vezes, com os dentes

rangendo, se fosse uma cobra, poderia alguém matar de uma mordida fatal.

Mais o comandante Francis Drake, estava disposto a viver uma aventura como se fosse mais jovem, ou seja, aquela nativa mexeu totalmente com ele, coisa que nenhuma mulher jamais teria conseguido fazer na vida dele.

Francis Drake e John Hawkins, resolvem depois dessa missão descansar, fazem uma espécie de varredura na ilha, procuraram por mais alguma coisa, se alimentam, abastecem as embarcações levando de tudo para os navios, frutas, água, inclusive os nativos capturados como escravos.

Já na cabine do navio fazem reunião de comando, referente programação da viagem de retorno para a Inglaterra.

São traçadas as coordenadas, e a partilhas das riquezas matérias, e tudo que eles capturaram, só que Francis Drake fez uma exigência ao seu primo John Hawkins.

- Primo, falou Drake, desejo a nativa, pois gostei dela, e quero leva-la para mim.

- Sem problemas, primo, pode ficar com ela, responde John.

Acertados todos os detalhes, na manhã seguinte eles partem de volta para a Inglaterra com o senso de dever cumprido.

CAPITULO XI

TEMPERAMENTOS DOS COMANDANTES

Francis Drake - (1537-1596)

John Hawkins - (1532 1595)

Drake não gostava da ideia de dividir o poder, controlador e autoritário e muitas situações agia com mão forte, Drake conseguiu unir todos os tripulantes e emergiu como o verdadeiro líder. aclamado por sua coragem, ousadia e espírito indomável, gostava de ter o controle das ações, e não de ser dominado.

Homem de temperamento forte, acostumado a ter mulheres onde chegasse, o grande conquistador de corações, em todo porto uma mulher diferente, nunca teve que conquistar uma mulher, pois todas já estavam dominadas, pois tinha um nome, o Lobo do Mar.

Suas façanhas eram lendárias, tornando-o um herói para os ingleses, mas um pirata para os espanhóis, a quem ele era conhecido como El Draque, 'Draque' sendo a pronúncia espanhola 'Drake'. Seu nome em latim era Franciscus Draco ("Francis the Dragon").

Desde criança, Drake demonstrou muito interesse

pela vida no mar. Um dos seus grandes objetivos era se tornar o Rei dos Piratas. Com apenas 20 anos ele já era capitão de navio. Todo o seu conhecimento sobre navegação ele conquistou com um familiar, no seu caso, o primo John Hawkins.

Não precisa pesquisar muito sobre as vidas dos dois piratas mais importantes da Inglaterra, além de serem patrocinados pela rainha Elizabeth I (Isabel), dar para se ter uma ideia dos temperamentos dos dois, Drake, com espírito guerreiro, lutador, sangue quente, enquanto seu primo John, mais polido, com grande conhecimento em navegação, e fabricação de embarcações marítimas.

Para John Hawkins, não era importante ser o comandante geral, ou o pirata mais temido dos mares, ficando mais rico, e tendo sua importância nas conquistas para sua rainha, tudo bem.

Aqui mais uma vez peço licença ao meu leitor, vou omitir uma opinião pessoal, fazer uma relação, com os meus dois romancistas brasileiros, que mais amo, Machado de Assis e José de Alencar, dentro da mesma causa romântica, mais com visões diferentes de ver o amor, um frio, direto e objetivo, e o outro muito romântico, sonhador, mas pertencentes a mesma escola literária.

Eram assim os comandantes, aventureiros, com os mesmos objetivos, um com espírito mais pirata e outro com espírito mais corsário, mais podendo se favorecerem com a liberdade e a benção que a rainha lhes dava.

É importante fazer a distinção entre corsário e pirata. Os piratas agiam ilegalmente em tempo de guerra

ou de paz, sem qualquer regra, sem pertencer a reis ou a qualquer governo, por uma causa própria, já os corsários agiam de acordo com seu soberano, exclusivamente em período de conflito.

Os corsários, que são muitas vezes confundidos com os piratas, também eram saqueadores do mar. A diferença é que eles tinham uma autorização, a Carta de Corso, para fazer a pilhagem. Na Idade Moderna (dos séculos 15 a 18), corsários lutaram lado a lado com governos.

CAPITULO XI

CHEGADA DOS COMANDANTES

Chegaram na costa marítima da Inglaterra já no final da tarde, para no outro dia pela manhã poderem serem recibos com festa e pela comitiva real.

Atracados os navios, seus homens todos dispensados e todos libertados, seus comandantes são chamados a uma reunião particular com vossa rainha, para passar todos os detalhes da viagem.

A princesa chamada Sikán, a Nativa ficou com Francis Drake, e levado para a casa dele.

A nativa, como sempre arredia, pelos cantos, triste, longe de sua terra, como um peixinho fora D'água, completamente desanimada, sem ânimo para nada, foi assim por uma semana.

Francis Drake, quando trouxe a Nativa para sua casa, deu ordens para seus criados que ela ficaria à vontade até se acostumar com a rotina de suas ordens, não mexesse com ela, e nem ele se aproximou dela para nada, logo porque ela tinha um dialeto próprio e não tinha até então como se aproximar dela ou falar alguma coisa com ela.

Só que ele descobre que um amigo seu tinha uma escrava que poderia ser daquela região da Sikán, e que poderia servir de interprete entre ele e a Nativa, ele foi

até seu amigo, e tentou fazer uma permuta ou compra dessa escrava, esse negócio lhe custou um dinheiro que ele não pensava gastar.

Colocou essa nova escrava nas dependências de Sikán para adquirir mais liberdade com ela, e confiança entre elas duas, e assim se foi feito, elas passaram uns dias conversando até elas ficarem amigas.

Essa nova escrava já estava orientada por Francis Drake para quando conseguisse mais amizade com a Nativa que falasse bem dele.

Depois de duas semanas Sikán já estava mais calma, com outro semblante, andando pela casa toda, e já ficando habituada nas rotinas da casa.

A nova escrava estava desempenhando seu papel super bem, até ensinando a nova língua a Sikán, o inglês, ela já estava aprendendo algumas palavras, as duas estavam mais amigas, falando de suas terras distantes, famílias, comidas, culturais, mais a escrava estava atenta as ordens de seu patrão, pegando tudo para passar o relatório para Francis Drake.

O tempo passou e um certo dia Francis Drake dar uma ordem para sua escrava, que nessa noite ela preparasse a Nativa com um banho de ervas e a perfumasse para uma noite especial entre eles, e deu de presente para ela um vestido muito bonito para ela vestir.

Era uma noite chuvosa, chovia muito e forte, com relâmpagos, ela se encontrava em seu quarto de dormir, ele entrou e ela se assustou, olhou para ele com um pouco de susto e medo, pois ficou sem entender nada que

estava acontecendo ao seu lado, depois de alguns segundos os dois em silêncio, ele pode observar mais na beleza dela, aquela velha beleza selvagem que ele se apaixonou naquela ilha.

Ele pode notar que ela era linda e bela como o pôdo sol e charmosa como a chuva que cai lá fora, ele um homem tão viajado e hoje vendo nela um porto mais seguro de toda sua vida, onde ele atracava seus navios para desancar de pois das batalhas, aquela mulher selvagem com sua beleza arisca, arredia e acuada na parede do quarto.

Aquele espírito selvagem que soprava em sua alma dando-lhe a refrescante sensação de estar unida à Terra, daí que vem sua força e beleza, a sua sabedoria instintiva, a colocava em harmonia com os ritmos da Natureza, por isso ela conhecia seus próprios instintos.

Francis Drake, tenta puxar uma conversa com Sikán, a Nativa, ele fala !

- Quero falar com você, vamos tentar ser amigos ?
Ela calada estava, calada ficou.

Ele continua.

- Estar sendo bem tratada por aqui ?

Olhe para mim, olhe para minha boca, vamos tentar nos comunicar.

Até que ela resolve responder bem baixinho.

- Estou com saudades de meu povo, da minha gente.
- Deixa Sikán ir embora, vai
- Mas sua terra, sua gente estar muito longe.
- Você já pegou muita coisa nossa, tirou nossas ri-

quezas e nossas almas, de que mais você quer, o que deseja de Sikán?

- Lá nas minhas terras eu era livre, solta, aqui sou presa, triste, sem brilho.

- Você poderá pedir o que quiser, que eu te dou.

- E só falar, tente ?

- Deixa eu ir embora, vai.

Ela não entendia o porquê das pessoas serem presas, perderem suas liberdades, como ela tinha, podia ir para todos as partes da ilha, correr, comer o que quisesse, era livre como pássaro.

Drake, querendo convencer que ele seria a única saída para a felicidade dela, tentou mais uma vez falar com ela.

- Você é tão linda, quero você.

- Seja minha, quero te amar.

- Você fala de amor, mais me prende, como é isso ?

- Tira minha liberdade e diz que me quer ver feliz ?

- Na minha cultura, o amor é querer bem.

- Amor é um sentimento de carinho e demonstração de fazer o outro feliz, é uma coisa de dentro da gente que desenvolve entre seres que possuem a capacidade de fazer o outro feliz.

- Mais te quero muito, estou louco por você, te quero de qualquer jeito de qualquer maneira.

Ele tenta abraçá-la, ela sai de seus braços.

Faz nova investida, só que dessa vez ela não consegue sair dele.

- Vou te ter de qualquer jeito, de qualquer maneira

você vai ser minha hoje.

Ele vai para cima dela ofegante, abre as pernas dela com suas pernas, ela não tem forças para segurar aquele homem forte e obstinado em seus desejos em tê-la, fazer amor com ela, era o que ele mais queria nesse momento, até que ele consegue tirar a roupa dela da parte de baixo.

A nativa tinha um temperamento feroz e corajoso, pega a faca que ele trazia na sua bota, e colocou no pescoço dele, isso fez que Drake saísse de cima dela e a deixasse na cama, totalmente tonta e frágil.

Ela sentindo que não teria forças suficiente para impedir aquela ação, fala.

- Você pode até ter minha carne, mais meu coração e minha alma já pertencem ao seu amigo.

- Qual meu amigo ?

- O outro comandante !

Era seu amigo de luta, de batalhas, John Hawkins, seu primo.

Essas palavras foram como uma espada entrando em seu coração.

- Aquele jeito calmo e tranquilo dele me apaixonei, falou a Nativa, Sikán.

- Tenho certeza que ele não faria isso comigo, ele tem jeito de homem gentil, amoroso e carinhoso com uma mulher.

Francis Drake, se veste e sai do quarto com muita raiva em seu coração.

Gostaria de abrir um parêntese aqui, nesse momento, sobre as escravas no mundo todo, como eram tratadas,

inclusive as escravas sexuais, que havia a violência sexual dos senhores contra elas, por serem frágeis, e sempre houve a escravidão, e a história do estupro como instrumento de guerra e a mulher sendo tratada como um ser inferior, principalmente a alguns anos passados.

O estupro não é um ato sexual. É um ataque.

Segundo Ingrid Sousa, Relator que Vitor Del Rey, Presidente e Fundador do Instituto GUETTO, Palestrante, Consultor e professor, publicou sobre sexo durante a escravidão, que nós desconhecemos:

Que proprietários de escravos estupravam as mulheres escravizadas e quando a criança nascida crescia e alcançava uma determinada idade onde já pudesse trabalhar nos campos, eles tomavam seus próprios filhos e transformavam em escravos

É até hoje, em algumas regiões do mundo, se retira o clitóris das mulheres, a clitoridectomia, como é chamada, é um ritual de passagem, ou iniciação, praticado na África, Oriente Médio e sudeste asiático há 2 000 anos. O objetivo é evitar que a mulher tenha prazer sexual.

Já na Inglaterra as escravas sofriam com a submissão forçosa aos desejos do seu senhor, essas escravas também sofriam maus tratos e torturas por parte das senhoras. Sofriam agressões pelas mulheres dos escravocratas, que as maltratavam por ciúme do marido, ou, vingar-se das mucamas jovens que atraíam a atenção de seus maridos.

CAPITULO XII

VINGANÇA

A Inglaterra era uma nação protestante, Henrique VIII foi o primeiro monarca a introduzir o protestantismo como religião estatal para os ingleses. Em 1532, ele queria se divorciar de sua esposa, Catarina de Aragão. Quando o Papa Clemente VII se recusou a consentir o divórcio, Henrique VIII decidiu separar todo o país da Inglaterra da Igreja Católica Romana.

A religião do Estado da Inglaterra e a Igreja Anglicana, cuja soberania está assegurada pelo Monarca, e o chefe da igreja, o Arcebispo da Cantuária, entretanto, a Igreja Católica é a segunda maior religião da Inglaterra, cuja soberania está assegurada pelo Papa.

Francis Drake era o mais velho de doze irmãos, filho de Edmund Drake (1518-1585), um agricultor protestante, e de Mary Mylwaye. Portanto pode ter que Francis Drake, tenha recebido alguma orientação religiosa de seu pai, no caso o Protestantismo.

Porque que esse escritor levanta essa questão nesse livro que envolve história e amor, foi que Francis Drake, para se vingar do amigo que se tornou seu adversário no amor, ele montou uma verdadeira operação de guerra para se vingar de John Hawkins, achando que com a

morte dele, teria a nativa Sikán, totalmente sua, que com a morte dele, poderia nutrir alguma paixão por ele, ou até ir para os seus braços procurando algum apoio moral, e assim poder consolá-la e se aproximar dela.

Drake, se lembrou dessa passagem bíblica, do antigo testamento sobre Davi.

No antigo testamento, O rei Davi cometeu adultério com uma mulher chamada Bate-Seba, que conseqüentemente ficou grávida. Ao saber da situação de Bate-Seba, Davi tentou acobertar seu pecado e, por fim, tomou providências para que o marido de Bate-Seba, Urias, fosse morto em batalha.

Em algum momento ele deve ter ouvido essa passagem bíblica de seus pais já que eles eram protestantes ou em algum culto quando criança e essa passagem deve ter ficado na cabeça dele.

Na visão dele a única maneira de ter a Nativa Sikán totalmente sua era o seu amigo desaparecer, sumir, mais como?

Foi que veio a ideia de levá-lo para uma batalha e nessa operação ele viesse a falecer, pois sendo assim, não cairia nenhuma suspeita em cima dele e nem de ninguém.

E assim ele fez, Francis Drake, chega para rainha Elisabeth I, convence que em uma determinada localidade do Oceano Atlântico, tinha uma ilha cheia de riquezas minerais, a rainha aceita a proposta e manda ele preparar toda estrutura para essa viagem.

Os dois navios partem em direção ao Oceano Atlân-

tico, levando em média 100 homens em cada navio.

As tripulações de piratas eram formadas por todos os tipos de pessoas, mas a maioria deles era de homens do mar que desejavam obter riquezas e liberdades reais. Muitos eram escravos fugitivos ou servos sem rumo. As tripulações eram normalmente muito democráticas.

Chegam nas coordenadas combinadas, descem de seus navios e vão em direção à praia em embarcações menores, cada tribulação tinha seus comandos, na frente a tripulação de combate, mas atrás em batalhas o capitão pirata sempre mantinha todo o poder e autoridade de decisão, no caso os dois comandantes, Francis Drake e John Hawkins.

Nessas coordenadas geográficas que Drake tinha, ele já sabia que essa região era habitada por nativos sobre o domínio da Espanha, mais com poucos homens, como os Piratas estavam em maior número, essa operação seria fácil para ele.

Vem o confronto esperado, de um lado os nativos juntos com os espanhóis, e os comandados de Francis Drake e John Hawkins.

Começa a luta com os espanhóis, tiros vindos dos mosquetes, (é uma das primeiras armas de fogo longas usadas pela infantaria entre os séculos XVI e XVIII. Trata-se de uma evolução do “arcabuz”, com capacidade de penetrar armaduras pesadas), flexas dos nativos pelos ares, e logo começa o corpo a corpo com as espadas, nesse momento e que Francis consegue colocar seu plano em ação, ele junto com John Hawkins, entra em confronto

direto na luta corporal, Drake sai a lá francesa, expressão do escritor e jornalista Sérgio Rodrigues explica que sair à francesa é uma locução que quer dizer “ir embora de um evento social sem se despedir, e sendo muito discreto, tentando não ser notado”, John Hawkins, fica lutando sozinho contra os espanhóis, ele leva perfurações de espadas pelo corpo, cai, mais dar para ver seu amigo Francis, se afastando, não entende essa ação de seu amigo e o comandante, e ferido mortalmente.

Como os Piratas estava em maior número, o confronto e vencido por eles, o corpo do comandante John Hawkins e encontrado, levado para a embarcação, com esse incidente não se fala mais no objetivo da missão, que era busca por riquezas minerais.

Os navios voltam para Inglaterra com algumas baixas em seu agrupamento, os homens com a autoestima e saúde emocional abalada pela perda de amigos e do comandante.

Chegam na Inglaterra, são recibos com honras militares, o corpo do comandante John Hawkins é tirado do navio e levado para ser velado e ter uma reunião para saber o que fazer com o funeral dele, pois como era um pirata, eles tinham suas próprias culturas, viram que ele tinha sofrido três perfurações, uma no pescoço, na coluna e calcanhar de aquiles.

Resolveram que ele seria tradicionalmente sepultado como um grande Pirata.

E assim fizeram e foram até um determinado ponto do mar para fazer o sepultamento.

Segundo o historiador Edward Ritchie, da Universidade da Califórnia, dá uma ideia do que podia ser a vida de pirata: quando o marinheiro morre, é ‘enterrado’ rapidamente, poupando aos amigos e conhecidos o trabalho de ir à igreja e mandar dobrar os sinos (...) Em lugar disso eles apenas o costuram num cobertor velho ou num pedaço de lona, amarram em seus pés duas ou três balas de canhão e o lançam ao mar”. Havia ainda problemas mais prosaicos. Por exemplo, o constante contato com a água salgada decompunha as roupas rapidamente e os piratas se viam obrigados a usar as sedas e brocados que haviam pilhado – e que não eram propriamente os trajes mais adequados para o clima e o serviço.

CAPITULO XIII

NO TEMPO DOS CORSÁRIOS E PIRATAS

Mais uma vez, estou abrindo um espaço nesse romance que nos fala sobre a vida e como era sepultados os piratas, em alto mar, o declínio e por fim o extermínio da geração dos piratas.

No século XVII, os piratas aterrorizavam os mares. Seu alvo principal eram os galeões espanhóis cheios de ouro do Novo Mundo. Foram instrumentos de uma luta entre nações.

Pesquisado por Maria Inês Zanchetta

Em maio de 1701, quem percorresse as margens do rio Tâmisa, em Londres, depararia com um espetáculo macabro: cadáveres pendurados em estacas balançando com o movimento das águas.

Eram corpos de piratas que tinham sido condenados a morrer na forca. A inusitada exposição destinava-se a chamar a atenção dos marinheiros para o que lhes aconteceria caso fossem capturados como piratas.

A terrível advertência fazia parte dos esforços da In-

glaterra em pôr fim à pirataria – cujo governo, por sinal, a estimulara cem anos antes – e assim tranquilizar os comerciantes que viam seus negócios ameaçados pelos ladrões dos mares. Entre os desconhecidos corpos de marinheiros que pendiam em Londres naquela primavera do início do século XVIII, um ao menos era de um personagem importante: o capitão da marinha William Kidd, que em 1695 desertou com navio e tudo, tornando-se um dos mais célebres piratas da época.

Preso em Boston, na então colônia inglesa da América do Norte, o escocês Kidd foi julgado e executado em Londres. Na verdade, a pirataria não era propriamente uma novidade na Europa daqueles notáveis tempos de expansão econômica e marítima. Tão antiga quanto a própria história da navegação, a pirataria se fez presente desde os tempos antigos, passando pelo Egito e Grécia até o império romano. Depois, durante a Idade Média, teve nos vikings nórdicos seus mais ferozes praticantes. Além deles, também ingleses, franceses, holandeses, irlandeses e árabes dedicaram-se ao ofício pouco nobilitante de despojar de suas riquezas navios em alto-mar. Por representarem um transtorno à boa marcha dos negócios por via marítima, os piratas sempre estiveram sujeitos a severas punições.

Apesar disso, houve época em que a atividade chegou a ser estimulada por vários governos. No século XVI, os ingleses sentiam-se ameaçados pela Invencível Armada espanhola, montada graças ao ouro saqueado das Américas. Em 1567, com suas naus equipadas com o que

havia de mais moderno em matéria de armas de fogo, a Espanha acabou por bloquear o tráfego comercial marítimo entre as Ilhas Britânicas e os Países Baixos.

Para dar o troco aos espanhóis, a Inglaterra criou e manteve durante vinte anos uma verdadeira frota mercenária: os corsários, navegadores aos quais outorgavam cartas de corso (do latim *cursus*, viagem por mar). Tratava-se, na verdade, de autorizações para roubar:

As cartas permitiam que eles abordassem os galeões espanhóis que traziam para a Europa as riquezas das colônias do Novo Mundo.

O cenário era o mar das Antilhas, na América Central. “A vantagem para os ingleses é que as frotas que levavam os tesouros espanhóis tinham data marcada para sair e rota conhecida.

O que facilitava o trabalho dos piratas. Mesmo assim os combatentes eram ferozes, pois as frotas eram sempre escoltadas”, explica a historiadora Janice Theodoro da Silva, da USP, especializada em América colonial. “O investimento que a Inglaterra fazia na pirataria tinha retorno certo”, avalia a historiadora.

“Embora as despesas fossem enormes, o butim era compensador”. A rigor, a Inglaterra não era a única nação cujo comércio exterior se ressentia da presença espanhola nos mares – e por isso recorria aos corsários. A França, por exemplo, também se valia dessa arma.

A diferença é que a Inglaterra soube utilizá-la como ninguém, até porque alguns dos mais célebres piratas eram súditos de Sua Majestade Britânica.

O melhor exemplo disso foi o audacioso Francis Drake, que entre 1577 e 1580, com o apoio da rainha Elizabeth I, realizou uma viagem de circunavegação do mundo em seu navio *The Golden Hind*, passando pelo estreito de Magalhães, que liga no sul da América o Atlântico ao Pacífico.

Já que estava mesmo por ali, aproveitou para saquear a costa do Pacífico e capturar o ouro, a prata e as pedras preciosas dos galeões espanhóis.

Ao regressar à Inglaterra, foi recebido com todas as honras pela rainha e condecorado com o título de sir.

O suporte da coroa britânica à pirataria enfureceu de tal forma o rei Felipe II da Espanha que acabou declarando guerra aos ingleses. Foi uma decisão que mudou o curso da história europeia.

Pois em 1588, há quatrocentos anos, a Invencível Armada, com seus 133 navios, foi destruída – e essa foi uma das causas do declínio político e econômico da Espanha no mundo e da ascensão da Inglaterra. Corsários, flibusteiros, bucaneiros ou pura e simplesmente piratas, financiados por governos ou por ricos comerciantes, tinham sempre um único objetivo, como, aliás, todo ladrão que se preze, em alto-mar ou terra firme: fazer fortuna pilhando a fortuna alheia. No entanto, como em tudo na vida, nem sempre eram bem-sucedidos.

Qualquer marinheiro que embarcasse num navio pirata sabia, por exemplo, que sem presa não haveria paga. Por isso, era uma gente disposta a tudo. Quando o capitão do navio finalmente conseguia arrebanhar a tri-

pulação de que precisava para zarpar, estabelecia as regras para a divisão do produto do saque. Os interessados ficavam então sabendo que, terminada a pilhagem, as mercadorias seriam vendidas; calculado seu valor total, deduziam-se as despesas de viagem (um terço era pago a quem havia financiado, digamos, empreendimento) e o restante era repartido. Ao capitão, naturalmente, cabia a parte do tubarão – algo como um terço do produto do saque; os marinheiros de primeira viagem ficavam com os trocados.

Mas, veterano ou novato, o marinheiro que primeiro gritasse “vela à vista” receberia 100 moedas. Se houvesse combates e algum marinheiro saísse mutilado, seria indenizado: quem perdesse um olho ou um braço recebia 600 moedas; a perda de um dedo (do pé ou da mão) era recompensada com 100 moedas. Tais obrigações deviam ser cumpridas à risca pelo capitão; em contrapartida exigia-se que os marinheiros não se acovardassem nem se embriagassem na iminência de uma abordagem – o que, apesar de tudo, era comum. Para saber se um marinheiro estava ou não bêbado, submetia-se o suspeito à prova de andar em linha reta – e não se admitia culpar o balanço do mar pelos ziguezagues.

Os piratas embarcavam nessa vida movidos pela ganância, mas suportavam o dia-a-dia a bordo movidos a álcool, rum de preferência. Conta-se até que certa vez um navio de piratas demorou três dias para capturar um galeão por falta de homens sóbrios. Mas havia ocasiões em que era permitido festejar e beber até cair. Isso acon-

tecia quando os navios atravessavam determinados marcos geográficos como o estreito da Flórida (que separa o mar das Antilhas do golfo do México) ou a linha do equador (marco imaginário que divide o hemisfério norte do hemisfério sul). Então um dos piratas se vestia de rei e, acompanhado de sua corte, todos vestidos de forma espalhafatosa, batizava os que nunca haviam cruzado a fronteira. O batismo variava desde o afogamento simulado num barril até um passeio sobre uma tábua suspensa na proa e então mergulhada na água, uma, duas, três vezes. Depois, os calouros que resistissem a essa verdadeira tortura recebiam um apelido que lhes dava a tripulação. A cerimônia, por assim dizer, terminava com uma batalha de água que se espalhava pelo navio e geralmente com homéricos porres. Esse costume talvez tenha dado origem às festas que os navios de passageiros promovem até hoje para comemorar a travessia do equador.

Mas a vida no mar nas regiões tropicais estava longe das lendas que a literatura e o cinema se encarregariam de difundir. As ilhas onde os piratas aportavam podiam ser ensolaradas, com praias cobertas de palmeiras e cachoeiras de águas límpidas. Mas, apesar do cenário paradisíaco, os ladrões do mar costumavam padecer – e muitas vezes morriam – de tudo quanto fosse doença. Como nem sempre as provisões que levavam eram suficientes para a incerta vida marítima – as tempestades, por exemplo, podiam tirar os navios da rota –, os piratas acabavam a pão e água (ou nem isso) até chegar a um porto seguro onde pudessem reabastecer os navios. Frequentemente,

a comida não só era pouca, mas inadequada. A falta de vitamina C, por exemplo fazia o marinheiro morrer de escorbuto, doença que se caracteriza por provocar fortes hemorragias.

Trechos de um depoimento deixado por um pirata anônimo, citado pelo historiador Edward Ritchie, da Universidade da Califórnia, dá uma ideia do que podia ser a vida de pirata: “Muitas são as misérias que os marinheiros enfrentam quando adoecem, sendo poucos os meios de se reconfortarem, pois então não podem buscar a carne e a bebida que acham que lhes farão bem (...) E, quando o marinheiro morre, é ‘enterrado’ rapidamente, poupando aos amigos e conhecidos o trabalho de ir à igreja e mandar dobrar os sinos (...) Em lugar disso eles apenas o costuram num cobertor velho ou num pedaço de lona, amarram em seus pés duas ou três balas de canhão e o lançam ao mar”. Havia ainda problemas mais prosaicos. Por exemplo, o constante contato com a água salgada decompunha as roupas rapidamente e os piratas se viam obrigados a usar as sedas e brocados que haviam pilhado – e que não eram propriamente os trajes mais adequados para o clima e o serviço”.

Não espanta assim que, se a primeira ambição de um pirata fosse enriquecer, a segunda era voltar para casa o quanto antes. Em casa, alguns piratas bem-sucedidos, tinham prêmios adicionais à espera. Não espanta assim que, se a primeira ambição de um pirata fosse enriquecer, a segunda era voltar para casa o quanto antes. Em casa, alguns piratas bem-sucedidos, tinham prêmios

adicionais à espera. Além de Sir Francis Drake, houve o caso do inglês Henry Morgan.

Além de Sir Francis Drake, houve o caso do inglês Henry Morgan. No comando de uma frota que chegou a ter 36 navios, ele percorreu o mar das Antilhas durante dezessete anos. Mas em 1672 foi preso e reconduzido à Inglaterra. Ali, no entanto, foi feito cavaleiro e ainda por cima nomeado governador da Jamaica – com a incumbência de reprimir a atividade de seus ex-companheiros. Morgan morreu em 1688, aos 53 anos, em santa Paz e cercado de todas as homenagens.

Foi por essa época, no final do século XVII, que as colônias inglesas, francesas e holandesas nas Antilhas começaram a atrair aventureiros de todo tipo. Como não tinham terras e a economia colonial girava em torno de plantações que utilizavam mão-de-obra escrava, esses forasteiros acabaram confinados a alguns povoados. Por força do isolamento, organizaram-se em confrarias para tentar a sorte no mar, dedicando-se também à pirataria. Como algumas dessas colônias eram pobres, seus governadores, sem meios de combater os piratas, não tinham outra saída senão aliar-se a eles. Por isso, alguns portos antilhanos, como Port Royal, Anguila e a ilha de Tortuga, transformaram-se em célebres esconderijos de piratas.

Tanto nos povoados que frequentavam quanto nos seus navios, as regras eram informais. Num livro sobre pirataria, tema que fascinou o inglês Daniel Defoe (1660-1731), autor do clássico romance Robinson Crusóé, narra que, muitas vezes, os piratas elegiam democraticamente

seus capitães. Eles também acabaram substituindo a tradicional bandeira vermelha sem emblema, a marca registrada dos navios corsários, pelo pano negro estampado com a caveira e os ossos cruzados. Os ladrões do mar, entretanto, já estavam com os dias contados.

No início do século XVIII, já estabelecida como a nação mais rica e poderosa do mundo, a Inglaterra dispensou definitivamente os serviços dos piratas – e declarou aberta a temporada de caça à pirataria. Assim o governo britânico cumpria com algum atraso o compromisso assinado em 1670, no Tratado de Madri. A primeira lei inglesa instituindo tribunais especiais para julgar os piratas capturados data de 1700. Foi graças a essa lei que o capitão William Kidd acabou executado e teve seu corpo exposto em Londres em 1701. Dezesete anos depois, chegou a vez de outro pirata famoso, Edward Teach, o Barba Negra, que assolava as colônias inglesas da costa sudeste da América do Norte. Ele costumava buscar refúgio em Charleston, na Carolina do Sul, mas os habitantes do lugar acabariam criando coragem e trataram de dar cabo de tão pernicioso figura. Assim, Barba Negra terminou seus dias linchado. Os corsários saíram da história para virar lenda.

CAPITULO XIV

VOLTANDO AO CAPITULO VI

Naquela manhã

O casal Narcélio, Helena e a sua filha, Vitoria, se deparam com essa vivência do passado, Narcélio morto por Helena a nativa sendo filha do casal, eles três enviados para nova oportunidade de vida através de uma reencarnação.

Narcélio, já nasceu com problemas crônicos de inflamação na garganta desde criança, que ele já adulto fez exames achando que poderia ser câncer, por ele ter grandes crises da mesma, com seu crescimento apareceu uma hernia de discos em sua coluna, que o deixava muitas vezes acamado e sem poder andar e trabalhar, e por fim uma doença chamada de ácido úrico, no qual deixava seu calcanhar esquerdo inchado e sem poder se locomover.

No capítulo XII, com o título a Vingança, esse nobre escritor iniciante narra a seguinte situação:

“Chegam na Inglaterra, são recebidos com honras militares, o corpo do comandante John Hawkins e tirado do navio e levado para ser velado e ter uma reunião para saber o que fazer com o funeral dele, pois como era um pirata, eles tinham suas próprias culturas, viram que ele

tinha sofrido três perfurações, uma no pescoço, na coluna e calcanhar de aquiles”.

Isso quer dizer que Narcélio teria nascimento com as enfermidades da vida passada, no qual foi ferido e morto e deixando em seu corpo e em sua alma marcas, ou seja, todos os três teriam trazidos do passado em seu chip astral ou em suas heranças espirituais marcas de uma vida passada cheia de dores, rancor e ódio, e tiveram a oportunidade de nova chance de vida e poder analisar como viveram e agiram e se esta vida antiga influencia seu modo de viver hoje.

Tudo depende da sua crença ou do acreditar nesta possibilidade que já viveu outras vidas antes e se vai influenciar de algum modo em nossa vida atual.

Escrevo “depende da sua crença”, pois não sabemos o que ocorreu em sua vida passada e nem temos acesso a estas lembranças. E, quando temos lembranças ou acessos a vidas passadas e você aceita esta vida, ela torna-se uma verdade no seu consciente e inconsciente. Torna-se uma emoção registrada no seu inconsciente que vai afetar sua vida hoje de forma positiva ou negativa.

E cada emoção e lembrança que está registrada no seu inconsciente, seja boa ou ruim, irá influenciar e afetar você e sua vida hoje. E, quanto mais você viver e reviver esta emoção, mais irá criar um padrão positivo ou negativo cada vez mais forte.

O problema está no padrão negativo ou emoção negativa que tanto prejudica você em qualquer área da vida:

O nosso antepassado, durante muito tempo, aqui

no Brasil, foi marcado por situações dolorosas: a colonização do Brasil, a tortura, a escravidão, as senzalas, o feitorismo, dentre diversas outras. Trazemos todas essas marcas em nosso sangue.

Além das heranças materiais que recebemos de nossos pais e familiares – casas, dinheiro, fazendas –, trazemos também as heranças físicas (genéticas) e espirituais.

Helena, também já mulher, tinha crises enormes de Bursite em seu braço esquerdo, mesmo braço que o Comandante Francis Drakes, gostava de colocar sua espada e lutar e matar seus adversários.

Vitória, nasceu com depressão, crise de ansiedade, como ela mesmo pensava e dizia, que não sabia o porquê dessa tristeza, quando ela fazia essa avaliação, não entendia o porquê de todo esse vazio que a rodeava, pois, seus pais tinham dado de tudo, e ela teria conseguido todos seus sonhos e projetos pessoais e profissionais, inclusive seus pais teriam aceitando a sua condição sexual, isso ficou claro com o transcorrer de seu tratamento.

A nativa Sikán, na vida passada, teria sido uma mulher livre em sua selva nativa, depois presa e levada para outro espaço que ela nunca tinha conhecido e nem vivenciado, presa, confinada a um quarto e depois veio um homem dizendo que a amava e queria o bem dela, e tentou de todas as formas tê-la, a tentativa de estupro pelo comandante, tai a razão de sua indiferença com homens.

Veio com marcas de seu passado, insegura, depressiva e com crises de ansiedade, às vezes sentia uma tristeza profunda que ela não sabe justificar e tendo dificuldade

de se recuperar de seus problemas existências, incapacidade de enfrentar as suas adversidades, e sem entender suas imperfeições e sua vulnerabilidade de lutar para vencer cada etapa de sua vida, medo do futuro.

Tendo grande incapacidade de trabalhar boas emoções, especialmente orgulho, raiva, ódio e vingança a deixava totalmente insegura.

Os três vieram com oportunidades de nova vida, se reencarnando na mesma família, no qual liga o presente com passado, o presente com o futuro. Na realidade, somos o resultado de todas as nossas experiências passadas, nesta ou em outras dimensões da realidade.

Quando o casal brigava, Narcélio não entendia o porquê da vontade de pegar um objeto cortante e partir para cima de Helena, e ela tinha oportunidades que não aguentava seu marido, e por isso que viam as brigas entre o casal.

Vitória se dava melhor com seu pai, tinha ocasiões que ela e sua mãe não se entendia dentro de casa, ela sentia que amava mais o pai, se entrosava melhor com ele.

Narcélio sempre presente na vida de Vitória, desde pequena que a levou para colégio, hospital, festas e por último para a faculdade, e claro que teve dificuldade de aceitar a sua vida sexual, por ele ter sido seminarista e depois por ter sido perseguido pela ditadura militar, no qual se falava como desvio de comportamento ou de conduta moral a homossexualidade afetiva entre dois pessoas do mesmo sexo.

Mas mesmo assim havia entre eles uma cumplicidade muito grande entre pai e filha, coisa que não acontecia entre ela e a mãe, havia sempre um grande abismo entre elas.

Como houve um novo despertar na vida da família, e claro que nem tudo foi tão fácil assim como parece, tiveram que conversar, debater até procurar uma ajuda de um terapeuta, no qual lhes apresentou uma terapia de regressão de vidas passadas, para que todos pudessem entender e compreender melhor tudo ao redor deles.

De início eles procuram a terapia de regressão de vidas passadas, que a filha deles encontrou um grande refúgio, como nessa terapia o objetivo único é tirar os traumas que nos prejudicam de alguma forma. Estes traumas são gerados por acontecimentos não bem resolvidos em outras vidas cujas sensações e emoções ficam atrapalhando-nos, causando muito mal.

A regressão é um procedimento em que o paciente é conduzido a recordar – e até mesmo a revivência – acontecimentos que tiveram uma carga emocional muito intensa e que tenham gerado bloqueios e conflitos internos, somente um terapeuta especializado em Terapia de Regressão será capaz de identificar e trabalhar toda essa carga emocional, indo até o passado e vindo ao presente para se ter uma consciência de tudo e sobre tudo dos traumas da vida de uma pessoa.

Alívio dos Sintomas: Estudos apontam que a terapia de vidas passadas pode ajudar a reduzir sintomas de ansiedade, depressão, insônia e outros transtornos de saú-

de mental

Vitória ficou fazendo sua terapia com o procedimento de regressão de vidas passadas, já seus pais conheceram a terapia de cura chamada de Reiki, como Narcélio era contador um cliente dele apresentou um mestre Reikiano, se aprofundou nessa terapia de cura integrativa que proporciona benefícios físicos e mentais através da canalização de energia.

O Reiki é uma prática tibetana, redescoberta no Japão, que tem como objetivo revitalizar a energia geral do indivíduo, para este atingir um estado harmonioso e saudável. Esta terapia complementar é um sistema de cura natural que fortalece o organismo, promove o relaxamento profundo, a cura e o autoconhecimento.

No Reiki existe uma energia vital universal, que é transferida do terapeuta - ou mestre reikiano - para o paciente pelas mãos, a fim de equilibrar corpo, mente e emoções, com objetivo de reestabelecer o equilíbrio, físico, mental e espiritual

O medo do novo, o sentimento de vingança oculto, a mágoa do passado, a culpa esmagadora e a baixa autoestima, são todas doenças que o Reiki cura a partir de uma nova sintonia de libertação desses sentimentos que aprisionam nossa alma. Quando somos tocados por essa energia, um novo caminho se abre.

Os relatos dos efeitos do reiki incluíam paz, leveza, melhora do sono e das relações familiares como também redução da ansiedade, dores no corpo e tristeza, melhora da autoestima e do autocuidado com redução e interrup-

ção de medicações.

O Reiki possui alguns símbolos que tratam o ser em vários níveis: eles são como portais de energias.

Cho Ku Rei - trata em num nível físico potencializando a aplicação e pode ser usado de várias formas.

Sei He Ki - atua num nível mais emocional.

Hon Sha Ze Sho Nem - atua num nível mental e possibilita trabalhar a distância, e por fim se acredita que esse símbolo se pode ir até seu passado e também resolver seus problemas existências.

Dai Koo Myo, é o símbolo da realização, da capacitação, o símbolo dos mestres, “A nossa essência Divina” ou ainda na forma ocidental “Levando-nos de volta a Deus” (Grande Ser do Universo).

Tendo nos chakras pontos energéticos que existem em diferentes partes do nosso corpo, que concentram a importante função de liberar ou receber energia. A origem desse conceito vem do hinduísmo, que define que esses estes pontos estão conectados a diferentes órgãos e glândulas do nosso corpo.

A terapia Reiki, não tem segmento religioso, portanto pode ser aplicada em qualquer situação e importante destacar que o Reiki não é uma prática religiosa, não é invasivo e não tem contraindicações ou efeitos adversos. Na área da saúde, a Organização Mundial de Saúde (OMS), passou a reconhecer o Reiki em 2007 como auxiliar no tratamento da dor.

CAPITULO XV

LEI DO AMOR NA VISÃO ESPIRITA

Os três viajantes do tempo, assim quero chamá-los, já era a terceira reencarnação deles, tinham negligenciado todas as oportunidades dadas a eles, pelo desamor, ódio e sem possuir o sentimento do perdão que habitava seus corações, tinham perdido as oportunidades de se espiritualizarem.

Teriam sido inventores quando em suas primeiras reencarnações na civilização sumaria na cidade de Uruk.

Os Sumérios foram uma das primeiras civilizações de que se tem notícia, dessa civilização existem relatos que surgiu o primeiro épico literário da história que é a famosa Epopéia de Gilgamesh, da qual deriva o nome do Iraque, está localizada hoje no Sul da Mesopotâmia, onde atualmente se localiza o Iraque e o Kuwait, entre os rios Tigre e Eufrates.

Essa civilização criaram o estabelecimento do sistema de irrigação ligado a agricultura e arquitetura como também foi registrado a primeira escrita da história e a escrita cuneiforme escrita em uma tábua de argila, e a da roda, ambas a cerca de 6000 anos atrás.

A sua escrita era de uso particularmente da elite, principalmente dos sacerdotes e escribas. Ela era grava-

da em tabletes de argila com uma pinça em forma de cunha, e por isso recebeu o nome de escrita cuneiforme. Os sumerianos foram precursores nas ciências matemáticas, astrológicas e sociais.

Os sumérios eram adeptos de uma religião politeísta caracterizada por deuses e deusas antropomórficos representando forças ou presenças no mundo material, crença essa bastante presente na mitologia grega.

Depois os viajantes do tempo teriam vindo como Piratas na Inglaterra, e a filha uma nativa, e agora a família em tempos atuais, vivendo sua contemporaneidade e prestes a perder mais um momento importante em suas vidas, por isso que o campo espiritual resolveu intervir, lhes aplicando a reencarnação involuntária, ou a compulsória.

Posso também os chamar de andarilho do tempo, por suas passagens aqui na terra, pois todos estavam presos a cadeia do desespero, vivendo um inferno astral em suas passagens pela terra, pois para viver é preciso mais amor que é o necessário para uma vida saudável.

Até que cheguem à conclusão, que somente o amor e o perdão são instrumentos de vivência para uma nova vida, resolvem não recomeçar, pois não podemos recomeçar, “Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.” – Chico Xavier. Francisco Cândido Xavier explicou em poucas palavras que não se pode voltar no tempo para mudar o inalterável, mas é possível criar um novo amanhã através das nossas atitudes.

E encontraram na reencarnação compulsória a saída para seus problemas existências.

A reencarnação compulsória não é um castigo.

Assim, a reencarnação compulsória se apresenta como um meio de ajuste e aprendizado. O Espírito, encaminhado a uma nova existência terrena, precisa enfrentar desafios e superar limitações, acumulando experiências que serão fundamentais para o seu progresso e a sua evolução.

Reencarnação involuntária

Assunto recorrente esse. Não basta muito esforço para encontrar tal afirmativa: um Espírito renitente, ou seja, que resiste a avançar, poderia ser “forçado” a uma reencarnação compulsória, compreendendo-se, nesse conceito, que os Espíritos superiores o forçariam a encarar provas e expiações “para seu próprio bem”.

Por todos os três viajantes do tempo terem passado por um despertar espiritual aqui na Terra, chegaram a uma evolução espiritual, resolvem a se amarem e deixar o ódio e a vingança de lado.

Naquela noite de briga entre o casal no qual tiveram as visões de seus passados e despertaram pela manhã sem entender o que aconteceu entre eles, foi o divisor de águas da vida deles.

Os viajantes do tempo, Narcélio, Helena e a filha do

casal, Vitória, saíram de seu inferno astral, resolvem procurar um centro espírita e nessa casa espírita eles conhecem a doutrina e se aprofundam, tendo a auto consciência da necessidade de trilhar o caminho da maturidade espiritual.

Através dos estudos na doutrina espírita, descobrem que quando uma pessoa reencarnasse e porque houve uma programação prévia de uma equipe espiritual que está ajudando em conjunto com os espíritos superiores encarregados dessa delicada tarefa, e afirmam ser possível e até constante um espírito desencarnado voltar à Terra como um membro da família que um dia deixou, isso porque a família é o ponto de encontro, é a escola onde os serem se juntam para evoluir, e que as vezes deixamos débitos entre marido/esposa/filho.

A família se aprofunda na doutrina, se tornam trabalhadores de um centro espírita, e começar o estudo, lendo as obras básicas, fazem todos os cursos oferecidos pela casa, GEM, passe, frequentam as palestras, e o estudo do evangelho segundo o espiritismo.

Em uma palestra assistida por eles no centro espírita, escutaram a seguinte história: Que um casal desencarnaram (morreram) eles chegaram na erraticidade, ficaram um determinado tempo se depurando até seu retorno à terra, uma equipe espiritual chega para esse casal e programa o retorno deles a terra, falando que eles voltariam como marido e mulher novamente mais a esposa não aceita essa situação, alegando que ela já teria vindo como esposa dele mais a experiencia não teria sido muito sa-

tisfatória, ele bebendo muito, inclusive maltratando-a, tendo outras mulheres e ela não queria passar por essa situação e novamente vim como esposa dele, nesse momento chega até ela os espíritos que vão auxiliá-la nessa tarefa, e eles dizem o seguinte, sabemos de tudo que você passou ao lado dele, e por toda situação passada lá na terra com ele, mais ela não tinha ajudado em nada, pois quando ela viveu com ele sempre resmungando, reclamando, brigando com ele, e até o momento não tinha perdoado o marido, ela não tinha obrigação de ficar com o marido sofrendo, pois todos nós temos o livre arbítrio, que ela poderia se separado dele, deixá-lo, mais preferiu ficar com brigas, fazendo os dois infelizes, e agora eles teriam uma oportunidade de viver nova vida, através da reencarnação.

Essa história foi importante para eles três tomarem nova postura de vida.

É claro que a felicidade total não existe, mais a tentativa de acertar e grande, não podemos recomeçar mais podemos tentar fazer um novo recomeço a partir de hoje, todo dia e possível se colocar um tijolo em nossas vidas.

Assim eles três tentam fazer um novo recomeço de vida, no perdão, na compreensão e no amor.

Segundo o Espiritismo, há uma classificação dos diferentes mundos habitados que circulam no espaço infinito classificam-se em cinco categorias: mundos primitivos, mundos de expiação e provas, (Terra) mundos de regeneração, mundos ditosos ou felizes e mundos celestes ou divinos.

E em nosso planeta que é um mundo de expiação e provas, não poderá ser um mundo de total felicidades, mais a partir dos mundos de regeneração já se pode ter uma felicidade mais completa, acreditasse que a terra um dia vai ser um mundo de regeneração, isso na visão espirita.

Nosso planeta e uma grande escola ou um tubo de ensaio a céu aberto, onde vivenciamos todos os dias várias experiencias, que poderá ser para nós como práticas e vivencias.

Não existe o amor perfeito, sempre vai haver brigas, contendas entre casais, mais o importante e ter a vontade de acertar e ser feliz, procurando a paz e harmonia, essa história de encontrar seu príncipe em cavalo branco ou sua cara metade, e meio uma utopia, pois estamos vivendo com pessoas que de alguma forma direta ou indireta temos débitos e reencarnamos como tentativa de termos novas oportunidade, e essas outras pessoas vêm com seus ódios, rancores e todos tendo mais uma chance de nova vida, ou melhor nascer de novo (Na Bíblia, em João 3:1-21), Jesus fala para Nicodemos, temos que aprender a fazer nossas reformas intimas.

E assim o casal vai vivendo suas vidas, tentando se entenderem, um dia atras do outro, uma briga aqui e ali e vivendo suas experiências, e em determinadas situações, um conta até dez para não retribuir as mesmas palavras ou grosserias que o outro lhe passou.

O Espiritismo ensina que os Espíritos se melhoram ao longo das reencarnações e do aprendizado desenvol-

vido no plano espiritual esclarece também que “Deus criou todos os seres simples e ignorantes”.

Segundo Allan Kardec, há duas espécies de progresso que se prestam mútuo apoio e que, todavia, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral.

Mais que na realidade seria um apogeu chegar nessa etapa de vida se tendo um progresso intelectual e moral.

Emmanuel fala sobre o AMOR.

Emmanuel é o nome dado pelo médium brasileiro Chico Xavier ao suposto espírito a que atribui a autoria de parte de suas obras psicografadas. Xavier dizia que este seria seu orientador espiritual.

Uma poética definição do Espírito Emanuel diz que o amor é a força de Deus que equilibra o Universo. Por aí podemos notar o poder deste sentimento.

Como segmento religioso o espiritismo tem por objetivo a transformação moral do homem, revivendo os ensinamentos de Jesus Cristo, na sua verdadeira expressão de simplicidade, pureza e amor.

O desejo de Deus é que sempre exista amor entre as pessoas. Deus criou o amor entre um casal para ser um relacionamento de respeito e cuidado, um pelo outro.

Sugere que o amor verdadeiro requer esforço contínuo de ambas as partes por meio da compreensão mútua, tolerância, diálogo respeitoso e renúncia dos próprios desejos em favor do outro. O Espiritismo também é citado como contribuindo para a estabilidade matrimonial ao ensinar a importância da caridade no relacionamento.

O amor então consiste no aprendizado da honestidade para consigo mesmo, para com o próximo e consequentemente para com Deus, visto que o progresso se dá prioritariamente pelo amor.

O amor, traz alento, calma, compreensão, o amor alivia transborda, o amor entende, acolhe, liberta, não se perde, não desata, não desgruda, não envelhece, não esquece, o amor cura as nossas almas. O amor eterniza a nós e a nosso ser amado.

A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais.

“Há em tudo e todos os seres a presença do Amor, em um lugar revela-se como ordem, noutra beleza, e, sucessivamente, harmonia, renovação. progresso, vida, convocando à reflexão. O Amor é o antídoto mais eficaz contra quaisquer males.”

A Lei do Amor no espiritismo é um princípio fundamental que se baseia na máxima “Amar ao próximo como a si mesmo”. Ela representa a essência do ensinamento de Jesus Cristo e é considerada a base para a evolução espiritual e a harmonia nas relações humanas.

O amor na espiritualidade dá sentido à existência, tanto em sua dimensão pessoal, de afetividade, quanto na dimensão social, de solidariedade. Ele se fez êxtase na profunda empatia que aprofunda nossa relação com o próximo, a natureza e Deus.

O que o livro dos espíritos fala sobre

o amor?

III - Caridade e Amor do Próximo (Perguntas 886 a 889) – O ...

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, divina lei pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Qual é a lei de amor?

Trata-se do seguinte: o amor, sendo uma lei divina, é universal, e, portanto, obrigatória, não facultativa. O amor, como ponto máximo do sentimento, é sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas.

O amor então consiste no aprendizado da honestidade para consigo mesmo, para com o próximo e consequentemente para com Deus, visto que o progresso se dá prioritariamente pelo amor.

O princípio eterno do amor se manifesta ao vivermos os dois grandes mandamentos: amar a Deus de todo o coração, alma, entendimento e forças e amar ao próximo como a nós mesmos.

E por fim qual o mandamento mais importante?

Cristo respondeu que o mais importante é: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”

(Mateus 22:37) O segundo mais importante é: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:39).

Fénelon, no item 9, do Capítulo XI, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, ainda sobre a Lei de Amor, nos diz que todas as outras virtudes são filhas do amor. O amor então é essa força motriz capaz de melhorar toda a raça humana, permitindo que ela rumo à felicidade total.

Amor, paixão, fidelidade, cumplicidade, companheirismo, afeto e carinho são alguns dos ingredientes mais importantes para a união de duas pessoas em um casamento. Para ser completo, o matrimônio ainda necessita que um nobre sentimento esteja presente diariamente na vida do casal – a amizade.

O Livro dos Espíritos, a saber:

Pode o homem gozar de completa felicidade na Terra? “Não, por isso que a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.”

Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso se não verifica, poderá conseguir uma felicidade relativa?

“O homem é quase sempre o obreiro da sua própria

infelicidade. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.”

Nesse sentido, o Espírito Joanna de Ângelis enfatiza: O ser humano necessita do calor afetivo de outrem, mediante cuja conquista amplia o seu campo de emotividade superior, desenvolvendo sentimentos que dormem e são aquecidos pelo relacionamento mútuo, que enseja amadurecimento e amor.

FIM .

“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, personagens e fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”!